

@ROTACONCURSOOFICIAL

SUA APROVAÇÃO É O DESTINO

ROTA



CONCURSO

ROTA DA APROVAÇÃO

www.ROTACONCURSO.com.br

HISTÓRIA DE SOBRAL

Prof. Alexandre Sampaio

Observações sobre o brasão da cidade de Sobral



Bandeira de Sobral

Como podemos observar, as cores da bandeira de Sobral são: amarela, azul, vermelha e detalhes em branco. No centro da bandeira está o Sol, fonte de luz e calor, cultuado por diversos povos como um Deus. Aqui em Sobral, ele se faz bem presente na maior parte do ano e, obviamente,



Brasão de Sobral.

não poderia deixar de estar representado. Afinal o Sol representa simbolicamente a luz, o amor, a paixão, a vitalidade, o conhecimento, a juventude, o fogo, o poder, a realeza, a força, a perfeição, o nascimento, a morte, a ressurreição, a imortalidade. Observamos ainda a representação em verde da serra da Meruoca, o Rio Acaraú, a coroa simbolizando a realeza de uma princesa que chegou ao patamar de Vila por ordem real.

HISTÓRIA DE SOBRAL

Introdução

O Brasil, segundo a historiografia tradicional, fora “descoberto” pelos portugueses. Bem sabemos hoje, com algumas documentações históricas comprovando, que outros povos por cá tiveram antes dos lusitanos. A priori vou apenas mencionar que os índios, assim chamados erroneamente, já estavam por aqui na Pindorama, que era a forma como chamavam esta terra. Os portugueses demoraram trinta anos para tentar, efetivamente, colonizar as terras brasileiras. Pois, apesar de ser uma terra em que se

plantando tudo dar, nenhum metal ou pedra preciosa foi encontrado, naquele primeiro momento, a ponto de despertar, de imediato, o interesse dos portugueses. Neste período, chamado Pré-Colonial (1500-1530), através do escambo ou trocas de mercadorias com os índios, os portugueses extraíam a *Caesalpinia echinata*, nosso conhecido pau-brasil, e levavam para o litoral, onde ficavam nas feitorias, para posteriormente, levarem para Portugal, onde haveriam de ter algum lucro. Devido ao risco de invasão ao Brasil pelos ingleses e franceses, que há muito frequentavam nossas terras com seus navegadores e piratas, além da decadência do comércio com as Índias, os portugueses, a mando de Dom João III (o colonizador) resolveram enfim colonizar essas terras, e para isso, enviaram Martim Afonso de Sousa. Em janeiro de 1531, chegou ao Brasil a expedição de Martim Afonso de Souza, composta por cerca de 400 homens (colonos e tripulantes), que trouxeram sementes de cana-de-açúcar, instrumentos agrícolas, mudas de plantas e animais domesticados. Com o cargo de capitão-mor, Martim Afonso tinha como missão proteger o litoral contra invasões estrangeiras, aplicar a justiça, estabelecer núcleos de povoamento, nomear funcionários, buscar novas riquezas (pedras e metais preciosos) e administrar o território. Por cá chegando, distribuiu terras (sesmarias) aos colonos, que deveriam cultivá-las, prática que tornar-se-ia comum no Brasil Colonial. Fundou, em 1532, a Vila de São Vicente (no atual litoral do estado de São Paulo). Começou o cultivo da cana-de-açúcar e criou o primeiro engenho de açúcar da nossa nação (Engenho do Governador), na ilha de São Vicente (litoral paulista). Porém, Martim Afonso de Souza retornou a Portugal em 1533, pois a Coroa portuguesa estava planejando um “novo” sistema administrativo para o Brasil, que na verdade já era velho em outras colônias, com o objetivo de acelerar o processo de ocupação do território brasileiro. Este novo sistema antigo ficou conhecido como capitanias hereditárias.

BRASIL COLONIAL E A CRIAÇÃO DO SIARÁ GRANDE



Mapa do Brasil de 1603.

O sistema de Capitanias Hereditárias consistia em dividir o território brasileiro em grandes faixas e entregar a administração para particulares. Dos 15 lotes de terras entregue aos 12 donatários, apenas as capitanias de São Vicente e Pernambuco deram certo. Os motivos do fracasso foram diversos como: a grande extensão territorial para administrar (e suas obrigações), falta de recursos econômicos, falta de interesse dos capitães donatários e os constantes ataques indígenas. Foi nesta época, em 1535, que foi criada a capitania do Siará Grande e entregue ao provedor-mor da Bahia, Antônio Cardoso de Barros, porém este lote não chegou a ser ocupado, pois o fidalgo ignorou totalmente o presente e o abandonou por mais de 60 anos, sem qualquer colonização. Se o Brasil demorou 30 anos para ser explorado, o “abandonado e desprezado” Ceará passaria mais de 100 anos para, pelo menos, tentarem uma colonização. Mas também, pesava contra a nossa terra à falta de atrativos econômicos, o clima seco e árido, a presença indígena que era bastante hostil aos ditos “homens brancos”, dentre outros fatores. Somente no início do século XVII, precisamente em 1603, que o senhor Pero Coelho de Souza, após obter patente de capitão-mor, tentou colonizar a capitania do Ceará. Mas “nem tudo são flores nesta vida” e esta tentativa acabou fracassando devido à forte resistência dos índios tabajaras que habitavam a região. Mesmo pensando em mudar-se para outro lugar, instalou-se as margens do rio

Ceará, ali erguendo um forte chamado de São Tiago. Findou por não obter sucesso, sendo surpreendido com a forte seca que ocorreu entre os anos de 1605 e 1606 causando muitas mortes por fome e sede. Com todos esses problemas, acrescidos de mais ataques indígenas, eis que o capitão então decide se retirar das terras e desistir.

Em 1607, chegaram os padres da Companhia de Jesus, Luís Filgueira e Francisco Pinto, que tinham a intenção de catequizar os habitantes das terras cearenses. Pobres padres, Luís Filgueira até escapou da emboscada armada pelos índios, mas Francisco Pinto não teve a mesma sorte e acabou por virar comida. Passam-se os anos até chegarmos em 1612 quando o capitão-mor Martim Soares Moreno tratou de fazer amizades com os chefes indígenas e nas ruínas do forte São Tiago construiu o forte de São Sebastião e uma capela de Nossa Senhora do Amparo. O forte sobreviveu bem até 1637, quando sob as ordens do príncipe Maurício de Nassau, os holandeses invadiram a capitania do Ceará e tomaram o forte de São Sebastião. De 1637 a 1654, o Ceará, ficou sob o domínio holandês, até que os índios da região se revoltaram e trucidaram os invasores. Em 1680, o Ceará desliga-se do estado Maranhão e passa a ser subalterno da capitania de Pernambuco. Em 1821, o Ceará tornou-se uma província e permaneceu assim durante todo o período imperial. Com a Proclamação da República, em 1889, tornou-se o atual estado do Ceará.

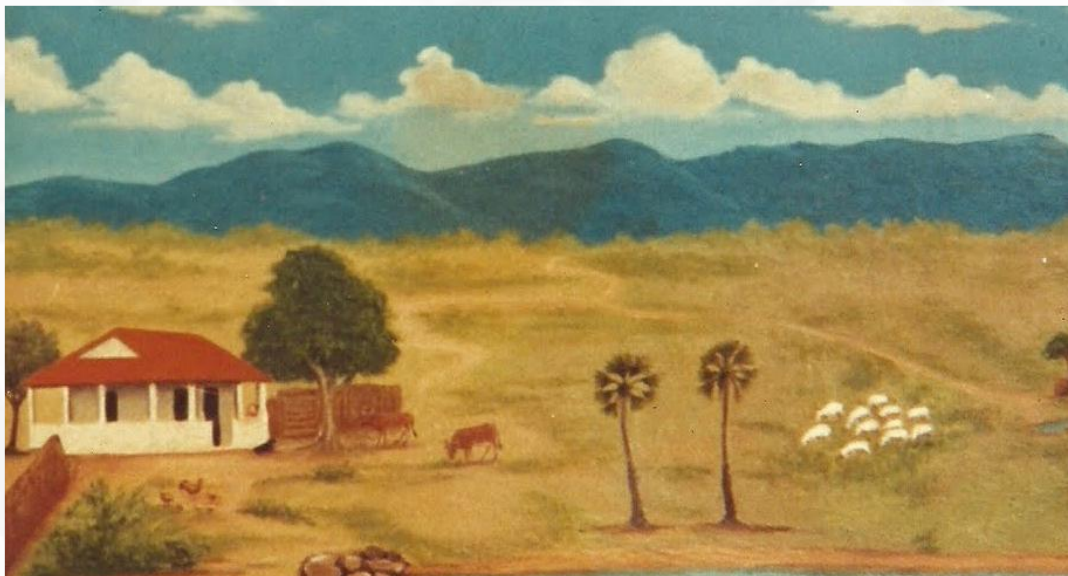
PRÉ-HISTÓRIA SOBRALENSE



No Ceará tivemos um processo de exploração diferente do próprio Brasil. Se o Brasil passou a ser explorado, segundo a historiografia tradicional, do litoral para o interior, em nosso estado aconteceu o oposto, ou seja, a colonização iniciou no interior e deste foi para o litoral, devendo-se, principalmente, à pecuária bovina. Sendo de um clima semiárido, estar por perto de um local que tivesse água era de vital importância. Eis a razão de se buscar moradias às margens dos rios. A presença de

água sempre foi um fator importante para o desenvolvimento da humanidade, afinal ela é primordial para a sobrevivência da espécie. Não sabemos ao certo, quais os povos indígenas que habitavam a grande Bacia do Acaraú, a segunda maior do estado, perdendo apenas para o Jaguaribe. Estudos precários nos falam da ocupação do rio Jaibas pelos índios Potiguaras ou Petiguaras, que habitavam as terras do litoral, indo do Rio Grande do Norte ao grande rio Parnaíba, entre os estados do Piauí e Maranhão. Os índios Tabajaras eram conhecidos como os senhores das serras, dominava a Ibiapaba. Nos arredores ainda haviam os Tremembés, que formaram aldeias na praia de Almofala, onde estão até hoje, e os Acriús ou Ararius, fixados às margens do rio Groaíras, povoação que teve o nome de Lourenço Guimarães.

FUNDAÇÃO DA FAZENDA CAIÇARA



Neste ínterim a União Ibérica (1580-1640), período em que Portugal ficou subordinado a Espanha, obrigou os portugueses a romperem a parceria com os holandeses na exploração da cana-de-açúcar, o que levou Holanda a invadir o Brasil. A presença dos holandeses na região Nordeste brasileira e, como vimos anteriormente, a invasão do Ceará pelos flamengos, teve como consequência imediata uma grande guerra que duraria de 1630 a 1654, para expulsão dos invasores. Nesta época várias famílias portuguesas que moravam na Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, fugidas dos horrores da guerra e do ódio sectário dos holandeses, procuraram refugiar-se no interior cearense, abandonando o litoral.

Estabelecendo-se primeiramente no Vale do Jaguaribe, onde fundaram grandes fazendas de gado, e depois chegando também ao Acaraú. A região, então, começa a ser habitada por brancos portugueses que fugiam da guerra contra a Holanda. E com os portugueses dominando esta região do interior, Dom Pedro II, rei de Portugal (por favor, aluno FB, não confundir com o primeiro imperador do Brasil), enviou em 14 de outubro de 1702, ao vereador de Aquiraz, senhor Antônio da Costa Peixoto, uma Carta Régia que lhe dava a posse de uma sesmaria (lote de terra) às margens do rio Acaraú. Mais tarde a filha do vereador Antônio da Costa Peixoto, chamada de Apolônia da Costa, casada com o sargento-mor Antônio Marques Leitão, herdou a terra e deste casal a propriedade passou, por volta de 1732, para sua filha Quitéria Marques de Jesus como dote de seu casamento com o capitão

Antônio Rodrigues Magalhães. Pronto, nascia assim a Fazenda Caiçara, de propriedade de Antônio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus. De todas as informações ditas até agora, no que diz respeito a história de Sobral, sem dúvidas esta é a mais importante. A Fazenda Caiçara servia como ponto de referência na região da ribeira do Acaraú para a organização de boiadas com destino a Pernambuco, Maranhão e Bahia. Da fazenda, as boiadas partiam em comboios para proteger-se contra os saqueadores e índios bravios. A palavra “caiçara”, em língua indígena, significa, segundo José de Alencar, “o que se faz de pau queimado” – de cal “queimado”, e a desinência -ara “que tem ou que faz”, anteposto o **ç**, por eufonia. Para Martius, é “pau de Jussara”: – de caa, pau, e Jussara, palmeira ou “lugar silvestre que em certo tempo se queima” – de cal, queimado e ara, tempo, Paulino Nogueira pensa que a verdadeira origem do vocábulo é uma corruptela de caai-ça: – “estacas de mato, estacada, trincheiras, tapume, cerca de pau” (vocabulário indígena). Ver. Do Instituto do Ceará, vol. 1, p. 239.

DESENVOLVIMENTO DA FAZENDA CAIÇARA



Segundo as pesquisas, muito provavelmente, a povoação do riacho dos Guimarães, atual Groaíras (hoje uma cidade, mas que já foi distrito de Sobral), onde já existia uma capela em 1712, fora o primeiro ponto habitado da cidade de Sobral. Todavia a localização geográfica de Sobral era absolutamente privilegiada, pois é

entroncamento de serra, sertão e litoral, sendo ponto de encontro de habitantes oriundos de diversas regiões. A fundação dos povoados pelo interior nordestino parece seguir uma regra antiga e natural para o surgimento de povoações. Nasceram em torno de pequenas capelas ou igrejas ou ainda de aldeamentos indígenas. A futura Sobral, começa a se desenvolver na intercessão das estradas de bois que vinham das praias e das serras dirigindo-se a Ibiapaba, não podendo desprezar, obviamente, a Serra da Meruoca, de clima ameno, que a abastecia de cereais e cana-de-açúcar. A região estava se desenvolvendo economicamente de tal forma que, em 1740, o visitador Pe. Lino Gomes Corrêa, sabendo de forma visionária que este povoado tinha melhores condições para desenvolver-se, resolveu escolher a região para ser sede de um curato e da Matriz de N.Sra. da Conceição. Com terras doadas pelos próprios fundadores e donos da fazenda Antônio Rodrigues Magalhães e de sua mulher, Quitéria Marques de Jesus, deu-se início a construção da Igreja Matriz de Sobral. Com tudo arrumado e certo, o Pe. Antônio de Carvalho e Albuquerque, por ordem do bispo de Olinda, Frei Luis de Santa Teresa, iniciou a construção da matriz no ano de 1746, servindo, então de forma provisória, como matriz a capela de N. S. do Rosário do Riacho dos Guimarães, em 1734. Tendo uma igreja matriz e sendo sede de curato, a Fazenda Caiçara, começou a se desenvolver cada vez mais. Sendo ponto de encontro entre vaqueiros que vinham das rotas do gado e local de festas religiosas com visita mais constante dos padres que vinham de Pernambuco, estado que o Ceará estava subordinado.

Saiba mais

Sede do curato: espécie de pequeno bispado onde seriam periodicamente celebradas missas, casamentos e batismos.

TEXTO COMPLEMENTAR

NOSSA IGREJA MATRIZ



A história da igreja matriz sobralense já se conta em séculos. Em 1742, o Padre Antônio de Carvalho e Albuquerque, obedecendo ao Bispo de Olinda, Dom Frei Luis de Santa Teresa, deu início a construção da primeira capela para a Matriz de Nossa

Senhora da Conceição. Por se tratar de acontecimentos antigos com documentação escassa, lamentavelmente não se sabe o ano de conclusão dos trabalhos e muito menos quando a igreja foi benta. Naquela época, a igreja tinha uma única porta na frente com duas pequenas janelas em cima, correspondentes ao coro, sem

torres com o pavimento de barro batido e com única sacristia do lado da nascente, para não matar os padres de calor. Não se tem dúvidas que as construções precárias da época, levaram a destruição da Igreja Matriz, passados apenas 14 anos. Temos conhecimento de tal acontecimento devido às correspondências do visitador Dr. Veríssimo Rodrigues Rangel, nas quais ele chamava a atenção dos fiéis para a iminente ruína da sua Matriz. Em uma carta do dia 20 de agosto de 1760, ele determinou que a igreja fosse rebocada por cal e areia por dentro e por fora, e do mesmo modo, a pavimentasse toda de tijolo. Mesmo com todo o cuidado, não teve como evitar a ruína. Em 1762, toma posse o Pe. João Ribeiro Pessoa, sucessor do Pe. Albuquerque, que resolve construir em outro local uma nova matriz maior e mais sólida. Por esta razão, em 5 de novembro de 1778,

foi benta e lançada a primeira pedra da nova Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição da Vila de Sobral, conforme mandava a tradição. Tal igreja teria uma arquitetura única, sendo edificada em forma de cruz latina. Em 1º de fevereiro de 1781, pôde ser benta a capela-mor da nova matriz. As torres começaram a ser levantadas em 1836 e só foram concluídas em 1849, a da nascente, e em 1851, a do poente.

Essas torres, sem as contribuições científicas de Tesla (para-raio), foram inúmeras vezes atingidas por faíscas e descargas elétricas, o que exigia que elas sempre fossem restauradas. Constrói-se o patamar em 1838, em 1870, compra-se em Paris, o relógio, refunde-se o sino no ano de 1853, em Pernambuco, o qual até hoje, é considerado um dos mais sonoros. A Igreja da Sé, como popularmente é chamada, possui linda ornamentação sacra, como presépio ao lado do altar principal, com dimensões naturais, que foi encomendado de Paris em 1912. Dentro dela, estão os restos mortais de Dom José Tupinambá da Frota, maior benfeitor sobralense, e dos fundadores da Fazenda Caiçara, Quitéria Marques de Jesus e Antônio Rodrigues Magalhães. Para finalizar, é sempre importante lembrar que no dia 8 de dezembro, a comunidade católica sobralense comemora a festa de N.Sra. da Conceição, tida como padroeira da cidade de Sobral.

DE FAZENDA CAIÇARA À VILA DISTINTA E REAL DE SOBRAL



Câmara Municipal de Sobral.

O século XVIII traz muitas transformações para o mundo, o pensamento iluminista e os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, tomavam de conta da Europa, a partir da França e da Inglaterra. O Mundo Moderno, agora chamado de Antigo Regime, começa a ser profundissimamente abalado pelos pensamentos de John Locke, Rousseau, Voltaire, Montesquieu etc. Diante da propagação destes ideais, as monarquias absolutistas se viram encurraladas de tal forma que ou elas se adaptavam aos novos tempos ou pagariam caro, como Luís XVI iria descobrir mais tarde ao ter sua cabeça separada do corpo na guilhotina. Dessa forma surgem os déspotas esclarecidos, monarcas absolutistas com ideia iluministas adaptados aos seus governos.

Em Portugal, o representante desta vertente é o famosíssimo Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal e Conde de Oeiras, primeiro ministro e representante do rei português D. José I. O governo de Pombal nas colônias portuguesas uniu medidas absolutistas como a criação da Derrama, por exemplo, mas também ações “esclarecidas”, como a expulsão da Ordem Jesuítica do Brasil, que representa em certa medida a laicização da Coroa lusitana.

Após expulsar os Jesuítas de todo o reino português, em 1759, o Marquês de Pombal ordenou que as novas vilas criadas, que não fossem originárias de aldeamentos indígenas fundados por religiosos (jesuítas ou inacianos), passassem a ter a classificação de “Distintas e Reais”, como forma de classificar como vilas de segunda categoria àquelas provenientes de aldeias e missões, representantes que eram de um “passado retrógrado”. Com isso, em 22 de julho de 1766, o rei Dom José I estabeleceu que os lugares que tivessem cinquenta fogos ou moradias ocupadas, poderia ser transformados em vila. Como sede de curato, a Fazenda Caiçara não tardou muito para possuir mais de cinquenta “fogos”. Como nesta época o Ceará era politicamente subordinado a Pernambuco, desde 1654, em 5 de julho de 1773, por ordem do governador de Pernambuco, Manuel da Cunha Menezes, foi criada a Vila Distinta e Real de Sobral.

Com o nome de Vila Distinta e Real de Sobral, o ouvidor Carneiro e Sá erigiu, em 5 de julho de 1773, à vila a primitiva povoação de Caiçara, desmembrando-a de Fortaleza.

Saiba mais

A Derrama correspondia à cobrança forçada dos quintos atrasados.

Saiba mais

Distinta – porque não tivera origem indígena ou bárbara, nem fora sede de missões jesuíticas ou de outras congregações religiosas. Sobral fora colonizada por portugueses ou descendentes destes e catequizada por padres seculares.

Real – pelo fato de ter sido criada por ordem direta do rei e, por isso, recebia dele proteção e simpatia. Existiam vilas criadas de aldeias indígenas, mas não recebiam os adjetivos “distinta e real.”

Sobral – quando autorizado o decreto pelo rei para criação das vilas, foi ordenado retirar todos os nomes indígenas e substituí-los por nomes de locais já existentes em Portugal. No caso deste município, a denominação vem de Sobral da Lagoa de Óbidos, terra dos ancestrais de Quitéria Maria de Jesus, esposa de Antônio Rodrigues de Magalhães.

Obs.: em Portugal pode-se encontrar mais de uma dezena de localidades que recebem o nome Sobral acrescido de mais algum designativo.

TEXTO COMPLEMENTAR

O PELOURINHO SÍMBOLO DE LIBERDADE E OPRESSÃO



“Aos cinco do mês de julho do ano de 1773, nesta povoação da Caiçara, capitania do Ceará Grande, um terreno do meio dela, onde veio o Dr. Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca João da Costa Carneiro e Sá, comigo escrivão do seu cargo adiante nomeado, e mais parte das pessoas mais capazes do povo

deste termo, e sendo no lugar do pelourinho, que o dito ministro mandou fazer, e ai por mim escrivão foi comunicado a todas as pessoas presentes o transunto da carta do Exmo. Governador de Pernambuco, edital e ordem de sua majestade fidelíssima, tudo copiado na certidão retro, depois do que por ordem do dito ministro em voz alta e inteligível pelo mesmo meirinho geral da Correição João dos Reis foi dito três vezes: Real! Real!

Real! Viva o nosso rei fidelíssimo, o Sr. D. José de Portugal! Cujas palavras repetiu todo o povo em sinal de reconhecimento da mercê que recebia do mesmo senhor pela ereção desta Vila de Sobral. E tudo para constar mandou o dito ministro fazer este termo em que assinou com todos os presentes. Eu Bernardo Guimarães Pessoa, escrivão da correição, o escrevi. Carneiro e Sá, Bento Pereira Viana, Jerônimo Machado Freire, José de Xerez Furna Uchôa, Sebastião de Albuquerque Melo, Luiz de Sousa Xerez, Alexandre de Holanda Correia, Vicente Ferreira da Ponte, Manoel Coelho Ferreira, José de Araújo Costa, Manoel da Cunha, Antônio Miguel Pinheiro, João Marques da Costa, Feliciano José de Almeida, Manoel Ferreira Torres e André José Moreira da Costa Cavalcante.”

Este estranho monumento indicava a supremacia do poder local e era o símbolo máximo da vila nascente. Originalmente o pelourinho era uma coluna de pedras colocadas em um lugar público, tendo alguns ganchos onde se colocava as cabeças dos criminosos, ou eram atados para passarem vergonha ou serem açoitados. As argolas serviam para enforcar ou torturar os escravos. Serviam também para fixarem as leias.

O Pelourinho de Sobral foi levantado defronte a Praça da Igreja Matriz, onde avistava-se os alicerces de pedra e cal que ficaram visíveis ainda por considerável período de tempo, apesar de terem sido rebaixados pelo tenente-coronel Floriano Machado, quando em 1932, aqui esteve como prefeito municipal.

Achava ele que se deviam cancelar assim a memória das “passadas ignomínias”. Destruído em 1824 quando o governo municipal aderiu à Confederação do Equador foi reconstruído pelo ouvidor Doutor Manuel Antônio da Rocha Lima. Passou por outras destruições e reconstruções até chegar ao que é hoje, um monumento que pouca gente sabe o que é!

Saiba mais

O nome que a substituiu – Sobral – atribui-se a Carneiro de Sá, ouvidor do Ceará, português, oriundo do Distrito de Sobral, pertencente à Freguesia de Vizeu, ao norte de Portugal.

A palavra, de origem latina, quer dizer abundância de souvereiros (de souvereiro, espécie de árvore de cujo tronco se extrai a cortiça). Sobral como substantivo comum, significa mata de sobros. Por sua vez, sobro ou sobreiro é árvore dicotiledônea da família da cupulíferas (*Quercus suber*), Abundantíssima em Portugal, e de cujo tronco se extrai a cortiça. A grande quantidade sobral plantados por todo o território português, fez com que

naquele país muitas povoações tomasse este nome botânico. Padre Sadoc acha que “é uma alusão à freguesia de Sobral de Lagoa de Óbidos, no concelho de Mortágua, pertencente ao distrito de Viseu, Portugal”, terra natal do sargento-mor Antônio Marques Leitão, pai de Quitéria Marques que foi mulher do capitão Antônio Rodrigues Magalhães, casal proprietário da Fazenda Caiçara, berço inspirador de Sobral do Ceará.

ECONOMIA DE SOBRAL

PECUÁRIA



No século das luzes (século XVIII), em que as grandes transformações do mundo acontecem, o Ceará começa a ver o efetivo início de sua ocupação por meio da pecuária, que, naquela época, era uma atividade complementar da cultura de cana-de-açúcar.

Para o historiador Capistrano de Abreu a ocupação do interior do cearense deu-se de duas formas e obedecendo classicamente a duas rotas: a do sertão de dentro (comandada pelos baianos e feita no sentido interior) e a do sertão de fora

(comandada pelos pernambucanos e feita no sentido litoral).

Naquela época o pasto abundante, as doações de sesmarias, o solo salino, o baixo investimento de capital e o próprio produto, o boi, foram alguns dos fatores que favoreceram o desenvolvimento da pecuária no Ceará. Muitos proprietários de terras no interior viviam no litoral, onde também possuíam terras destinadas à cana-de-açúcar, deixando, assim, as suas fazendas aos cuidados dos seus vaqueiros, na grande parte, mestiços.

A carne bovina começa a ser comercializada nas outras capitanias, favorecendo o surgimento de rotas e vilas comerciais. No entanto, devido ao desgaste físico sofrido pelos bovinos (emagrecimento), as perdas financeiras eram notórias, fazendo surgir uma nova forma de se trabalhar com o gado, por meio da charqueada.

Saiba mais

As charqueadas surgem na metade do século XVIII, utilizando-se do processo indígena de salgar a carne, eliminando as perdas financeiras provocadas pelo sistema anterior.

Um clássico exemplo das mudanças sociais e econômicas ocorridas com o surgimento das charqueadas foi a cidade de Aracati, que se tornou um grande entreposto comercial, sendo elevado à categoria de vila em 1748, numa tentativa da Coroa portuguesa em arrecadar mais impostos, o que acabou favorecendo o surgimento de novos pontos comerciais, já que os produtores buscavam não pagar tantos impostos.

No Ceará inteiro passa a existir o que os historiadores chamaram de Civilização do Couro, uma vez que todos os objetos necessários ao sertanejo eram feitos de couro de boi. Sobral, não diferente do Ceará, também teve sua origem histórica ligada ao binômio gado-algodão, e na primeira metade do século XVIII, teve a pecuária como sua principal atividade.

As “oficinas de salga” que processavam a fabricação do charque ganhavam importância e isso mostrava-se notório no desenvolvimento urbanístico da cidade na época com o surgimento de alguns casarões e solares.

A vila começou a se desenvolver com o surgimento do Mercado da Carne, a Casa de Câmara e Cadeia com o Pelourinho, tudo isso eram sinais do progresso e importância. A cidade de Aracati, no litoral cearense, era o principal produtor de charque nessa época, mas no interior o destaque ficava por conta de Sobral, Icó, Acaraú, Granja e Camocim.

Naquele período havia uma intensa relação comercial entre Sobral e outras cidades de diferentes estados do Nordeste, como Maranhão, Piauí, Bahia e, principalmente, Pernambuco. Obviamente que para isso, muito contribuiu a posição geográfica estratégica de Sobral, a qual, como já estamos cansados de saber, é um excelente entreposto. O que se produzia em Sobral, era levado no lombo dos animais para ser escoado pelo porto do Acaraú. Isso contribuía para um constante movimento do gado das fazendas próximas que era levado para Piauí e Maranhão nas épocas de estiagem, e quando o inverno era bom, o gado era conduzido em comboio para Pernambuco e Bahia, onde era vendido, afim de se proteger contra os saqueadores e ataques indígenas.

Nas últimas décadas do século XVIII, a influência climática (seca), a concorrência do charque vindo do Rio Grande do Sul e a cultura do algodão

(cotonicultura) provocaram o declínio das charqueadas que só voltariam a se restabelecer no século XIX, mas não com a mesma força.

Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/RenataMagalhes7/histria-desobral>>.

CAFÉ

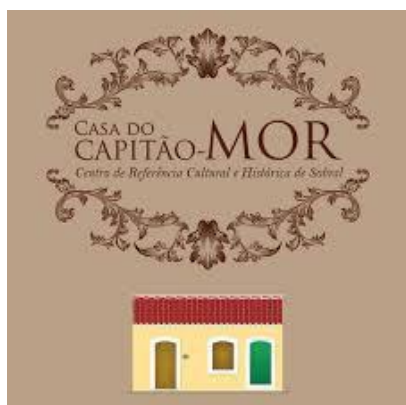


O primeiro registro da cafeicultura cearense deve-se ao capitão-mor de Sobral, José Xerez Fumo Uchôa, aristocrata orgulhoso dos títulos de nobreza e “cristão-novo”. Após chegar de uma viagem à França, plantou as primeiras mudas de café no Sítio Santa Úrsula na serra da Meruoca bem próximo a Sobral.

É importante ressaltar que Sobral não teve propriamente em suas terras a produção do café, mas o fato de áreas próximas como as serras da Meruoca e do Rosário e também a Ibiapaba passarem a produzir em larga escala, fez da cidade o principal centro coletor e exportador pelos portos de Acaraú e depois Camocim.

Saiba mais

O café aliado ao algodão e ao couro em forma de artesanato, deram uma nova dinâmica a Sobral no século XIX, contribuindo decisivamente para a implantação da Estrada de Ferro de Sobral (EFS) em 1882, intensificando as relações com Camocim, e de lá com os demais portos, através da contratação pelo governo imperial de companhias de navegação costeira.

TEXTO COMPLEMENTAR**A origem do café no Ceará**

O capitão-mor José de Xerez Furna Uchôa era de nobre descendência portuguesa, moradores das terras brasileiras desde 1550. Após o falecimento de seu pai, José de Xerez, vem com sua mãe para o Ceará, indo fixar residência na ribeira do Acaraú. Morrendo sua mãe, foi morar em Sobral, passando a maior parte do tempo em seu sítio na serra da Meruoca, onde construiu um engenho de cana-de-açúcar, casa de farinha e uma casa para moradia. Na frente da casa havia um grande terreiro onde ninguém podia passar a cavalo e deveria-se o chapéu para poder entrar na casa. Era muito zeloso com seus títulos de nobreza, ao ponto de não querer como genros pessoas da elite sobralense como o capitão-mor Manoel José do Monte e o capitão Antônio Alves de Hollanda Cavalcanti, que para se casarem com suas filhas, tiveram que sequestrá-las. José de Xerez Furna era uma pessoa caridosa, protetor dos pobres, pois não os deixava oprimir injustamente, jamais infringia a lei, trabalhador incansável no serviço público, foi juiz ordinário, juiz de órfãos, vereador e capitão-mor, funções das quais jamais recebeu nenhuma remuneração, homem de uma só palavra, o que lhe custou muito no futuro, tudo isso fazia dele um cidadão querido e respeitado. Nutrindo o desejo profundo de conhecer de perto os esplendores da Corte da França, partiu de Lisboa recomendado pelos mais altos nobres da Corte portuguesa. Naquele país foi honrosamente apresentado à Corte de Versailles, onde ganhou a simpatia do Duque de Choiseul. O Duque possuía um belo jardim, e o capitão-mor Xerez ganhou duas mudas de uma planta existente nesse jardim, dessas duas mudas, uma morreu na longa travessia de volta ao Brasil, e a outra, entre 1747 e 1748, foi plantada no sítio de Xerez, na serra da Meruoca, essa planta, foi o primeiro pé de café plantado no Ceará e o pai de todos os cafezais do estado. Mas não foi só o café que Xerez importou para o Brasil, trouxe também, de sua viagem à Europa, a mangueira, o tamarineiro, a parreira e outras árvores frutíferas que pouco a pouco foram espalhando-se mudas e sementes por todo o Ceará e outras capitanias. Alguns estudiosos acreditam que foi ele quem primeiro trouxe essas plantas para o Brasil, mas há quem diga que já existiam parreiras no Sul do país. Ainda na

Europa, aprendeu a arte de enxertar uma planta na outra, hoje coisa popular, mas há 260 anos era uma arte rara. Naquela época, o governador da província, contrariando uma decisão da rainha D. Maria Primeira, anterior à criação de Sobral, dividiu a serra da Meruoca com os membros da Câmara Municipal, Xerez e outras pessoas opuseram-se a essas ordens por considerarem ilegais, já que iam contra a decisão da Rainha. Furioso com essa oposição, o governador mandou prendê-los, e todos fugiram até se retratarem, menos Xerez, pois sua hombridade não lhe permitia voltar atrás na palavra dada, dessa forma, foi condenado a sete anos de prisão com trabalhos forçados. Foi então, mandado para Pernambuco e de lá para a Bahia. No fim de dois anos de prisão, seus familiares e amigos conseguiram transformar a pena de prisão em exílio, com o pagamento de um alto valor em dinheiro. Após os cinco anos restantes da pena, transformados em exílio, Xerez volta ao Ceará já quase sem nenhum recurso, pois pagou a todos que deram dinheiro em troca de sua liberdade, mas munido com poderes dado pelo vice-rei para prender seus inimigos e perseguidores, o que não fez por generosidade. Em 1789, foi embora para Pernambuco para livrar-se novamente das perseguições de seus inimigos. Ficou por lá por três anos, e em 1792, voltou ao Ceará, onde veio a falecer. Assim viveu e morreu o capitão-mor José de Xerez Fumaça Uchoa, íntegro cidadão, que introduziu o café no Ceará.

Jaqueline Aragão Cordeiro. Revista do Instituto do Ceará.

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1822) COMO SE DEU EM SOBRAL



No dia 5 de outubro de 1822, a Casa de Câmara e Cadeia, já tardiamente em virtude da demora que as notícias tinham na época, teve oficialmente conhecimento da Independência do Brasil.

Na ocasião foi feita a leitura de um ofício expedido pelo patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva, acompanhado de seis exemplares do

Manifesto de sua Alteza Real o Príncipe Regente aos povos deste reino.

Desta forma, foi convocada uma sessão extraordinária para o dia 10 de dezembro de 1822, tendo como presidente o ouvidor-geral interino da

comarca, Dr. Adriano José Leal, em que se decidiu marcar para o dia 15 de dezembro a aclamação, reconhecimento por parte do povo de Sobral do Sr. D. Pedro I como Imperador constitucional do Brasil.

Após a solene cerimônia, como um país majoritariamente católico, religião que se tornaria oficial do Estado brasileiro, mandou-se celebrar na Igreja Matriz um *Te Deum*, com Salva Real e que se pusessem luminárias na vila nas noites dos dias 13, 14 e 15 do mesmo mês.

Para finalizar, editou-se uma Ata de Aclamação do Senhor Dom Pedro I, imperador constitucional do Brasil, e seu defensor perpétuo.

Saiba mais

Te Deum é um hino cristão, usado principalmente na liturgia católica, como parte do Ofício de Leituras da Liturgia das Horas e outros eventos solenes de ações de graças. O hino é encontrado também na Hinódia ou práticas litúrgicas de outras igrejas cristãs, incluindo o Livro de Oração Comum da Igreja Anglicana, as Matinas Luteranas e, de modo menos regular, em outras denominações protestantes e evangélicas.

TEXTO COMPLEMENTAR

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA: A ORIGEM DOS DISTRITOS.

Em 1843, é criado o distrito de Santo Antônio. Em 1911, o município aparece com quatro distritos: além da sede, tinha os distritos de Cariré, Jordão e Santo Antônio do Aracatiassu. Em 1929, é criado o distrito de Riacho dos Guimarães. Em 1920, Sobral anexou o extinto município de Meruoca (que virou distrito de Sobral). Em 1931, Sobral anexou o território do extinto município de Cariré (que voltou a ser distrito). Em 1933, Sobral apareceu com dez distritos: Sobral (sede), Caracará, Cariré, Forquilha, Meruoca, Riacho dos Guimarães, Santa Maria, Santo Antônio do Aracatiassu, São José e Taquira (Jordão não aparece na lista). Em 1935, Cariré se emancipa de Sobral e anexa o distrito de Riacho dos Guimarães, e o distrito Taquara mudou o nome para Recreio. Em 1937, São Vicente e Jordão tornam-se distrito de Sobral. Em 1938, São José muda o nome para Patriarca, São Vicente vira Jaibaras, Santo Antônio do Aracatiassu reduz o nome para Santo Antônio, Recreio é rebaixado a povoado, e parte de seu território é anexado ao município de Palmas. Em 1943, mais mudanças de nomes: Santa Maria vira Taperuaba e Santo Antônio vira Aracatiaçu. Em 1951,

Meruoca se emancipa de Sobral, e em 1957, é criado o distrito de Olho-d'Água, e ainda no mesmo ano, é criado o distrito de Trapiá, desmembrado de Forquilha. Em 1963, é criado o distrito de Bonfim, e no mesmo ano, Aracatiaçu se emancipa de Sobral e anexa o distrito de Caracará, e Forquilha

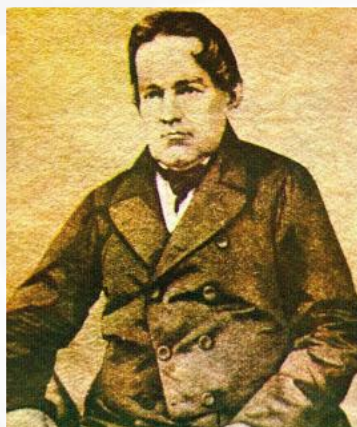
se emancipa de Sobral, muda o nome para Francisco Monte e anexa o distrito de Trapiá. Em 1964, é criado o distrito de Caioca.

Em 1965, Sobral anexou os extintos municípios de Aracatiaçu, Taperuaba, Forquilha (ex-São Francisco do Monte), pois nenhum pôde ser instalado. Em 1985, Forquilha se emancipa de Sobral e anexa o distrito de Trapiá. Em 1989, é criado o distrito de São José do Torto. Em 1998, é criado o distrito de Aprazível. Em 2003, é criado o distrito de Patos.

Fonte: IBGE

Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/historico>>.

A SEDIÇÃO DE SOBRAL – 1840



O Segundo Reinado teve origem com o famoso Golpe da Maioridade em abril de 1840, que teve como um dos seus articuladores o senador cearense José Martiniano de Alencar, (pai do escritor) que conseguiu barganhar junto ao Partido Liberal a indicação como presidente da Província do Ceará.

A situação política cearense não era diferente da capital do Império, em que os partidos Liberal e Conservador se alternavam no poder através do cargo de Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro Ministro) e na composição dos Gabinetes Ministeriais, usavam o poder para se beneficiarem das leis e perseguirem seus adversários políticos. Francisco Xavier Torres, tenente-coronel, comandante das armas do Ceará e ligado ao Partido Conservador, não reconheceu a autoridade do Senador Alencar como novo govenador do Ceará, e depois de retornar do Piauí, em dezembro de 1840, onde lutava contra os últimos focos da Balaiada, resolveu ficar em Sobral e não retornar à capital para fazer a formal entrega do cargo.

Nesse contexto, diversas disputas políticas entre os aristocratas rurais “caranguejos” (conservadores) e os “chimangos” (liberais), explodiram em várias cidades do interior.

O Senador liberal, José Martiniano de Alencar, sentiu-se ultrajado e desafiado, e resolveu baixar vários decretos que atingiam os opositores através da suspensão das garantias constitucionais. A reação do novo governante iria começar por Sobral.

O próprio Senador Alencar viria a Sobral prender os opositores liderados por Xavier Torres. Era o início da Sedição de Sobral. O Natal dos sobralenses seria marcado por tiros de canhão.

A casa do senador liberal, Francisco Paula Pessoa, onde nos dias atuais, é o Colégio Santana, serviu de sede para as tropas do governador. A Sedição em Sobral começou na noite de 11 de dezembro, sendo o palacete do senador Paula alvejado pela força a mando do tenente-coronel Francisco Xavier Torres, empenhando-se um combate nas ruas da cidade, em que foram mortos seis soldados e feridos treze.

Os defensores da legalidade (tropas alencarinas), tiveram dois soldados mortos e cinco feridos. Após alguns dias de negociações sem sucesso e dois dias de conflitos, as forças conservadoras foram derrotadas, resultando em mortes e prisão dos líderes.

Em 12 de janeiro de 1841, o Senador Alencar como forma de agradecimento à fidelidade dos membros do Partido Liberal, os quais lhe deram apoio na Sedição, baixou Lei Provincial que elevou Sobral à condição de cidade. O nome pomposo de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú foi uma homenagem à Princesa Januária irmã do imperador Pedro II, de 19 anos. Daí, “Princesa do Norte”. Em 1842, já com os conservadores no comando, o novo presidente do Ceará, José Joaquim Coelho, atendeu aos pedidos dos sobralenses e substituiu o nome da cidade de Januária para definitivamente, e simplesmente, Sobral.

TEXTO COMPLEMENTAR

SEDIÇÃO DE SOBRAL NA REVISTA DO CEARÁ

Sedição de Sobral, Rebelião de Sobral, Levante de Sobral e ainda Levante Torres-Jacarandá, foi uma rebelião ocorrida em Sobral, com o objetivo de depor o então presidente da província do Ceará, Padre José Martiniano de Alencar e criar novas autoridades adeptos da monarquia.

Em meados de novembro de 1840, Martiniano foi até Sobral, acredita-se, que essa ida, foi para garantir o triunfo do Partido Liberal nas eleições que se aproximava, pois era quase certa a vitória da oposição, o Partido Conservador. Para assegurar a vitória, Martiniano destituiu do comando da força de linha, o tenente-coronel Francisco Xavier Torres, oficial que acabara de lutar na Balaiada, enviando o oficial Bandeira para assumir o comando. Mas Francisco Xavier não acatou às ordens recebidas e permaneceu no posto, contrariando Martiniano. Além do tenente-coronel, Martiniano também demitiu outros oficiais, entre eles: alferes Luiz Xavier Torres, irmão de Torres, bem como seu cunhado, o alferes Antônio José Lins d'Oliveira, o cel. de milícias, Francisco Joaquim Souza Campello, o alferes de cavalaria miliciano, Joaquim Ribeiro da Silva, e o sargento de primeira linha, Joaquim Bezerra de Albuquerque, muitos desses, também lutaram na Balaiada. Joaquim Ferreira de Sousa Jacarandá havia elaborado um plano de ataque, mas Torres não quis seguir o plano, então, no dia 14 de dezembro, por volta de 8 horas da noite, ouviu-se o toque da corneta indicando o chamado da tropa. Reuniram-se um grande número de soldados, antecipadamente aliciados por Torres. Marcharam para a casa onde estava o presidente e abriram fogo em direção à residência, essa batalha durou até às 7 horas da manhã do dia seguinte, causando mortes e feridos. Por ordem de Torres, o alferes Lins seguiu para o lugar chamado Marrecas, com cem homens armados sob seu comando, a fim de ali manterem guarda e evitar a fuga de Martiniano para Fortaleza, durante a batalha. Mas, cada vez mais enfraquecidas as forças rebeldes, Jacarandá mandou chamar o grupo de Lins para fortalecer os revoltosos. Já era madrugada do dia 15, mas de nada adiantou esse reforço, poucos ainda permaneciam lutando, entretanto continuava o fogo, auxiliados por disparos vindos do sobrado de Domingos Braga. Ainda durante a madrugada, muitos dos soldados de Torres desertavam ou fugiam para o palácio e se aliavam às forças do governo. Ao amanhecer do dia 15, por volta de 7 horas da manhã, acabava a batalha, das forças legais morreram dois soldados e muitos outros gravemente feridos, das forças rebeldes, não se tem conhecimento do número de perdas. Com a derrota, os chefes da rebelião, o tenente-coronel Xavier Torres, seu irmão Luiz Torres, o alferes Lins, Antônio Carlos Jatahy, Jacarandá e o Sargento Beserra fugiram. Com alguns soldados, foram refugiar-se na fazenda Pacupú, na companhia do alferes Joaquim Ribeiro, dali seguiram para Sam Benedicto, onde foi preso Vicente Correia da Costa, que acompanhava o Alferes Joaquim Ribeiro.

Trazido para a capital, foi interrogado, e seu depoimento serviu para nomear os chefes da rebelião, que foram processados. Durante a batalha, o cel. Francisco Joaquim Campello, que estava preso na cadeia pública, foi libertado por um grupo de rebelados que atacou a Guarda. Francisco Joaquim fugiu para a fazenda de propriedade do major Joaquim Lopes dos Santos. À noite, fora visto onde ocorria a batalha, depois, pela madrugada, por orientação de Jacarandá, retirou-se com um soldado. Informado sobre a derrota, voltou durante a noite seguinte para a casa de seus familiares. Porém, logo foi avisado que uma escolta preparava-se para prendê-lo, então, seguiu a pé, com seu afilhado, Ignacio José de Sá, para a serra do Rosário. E dali continuou com Domingos de Paiva para a Fazenda Intans, em Aracatiaçu, onde permaneceu ignorado até mudar o governo, e livre da acusação, pôde voltar.

Revista do Instituto do Ceará – Para a história de Sobral

A CADEIA PÚBLICA SOBRALENSE



A seca ainda é, lamentavelmente, um problema constante na vida do povo nordestino como um todo e do cearense de forma especial. Muito embora tenhamos que reconhecer que os problemas foram minorados com o passar dos anos, conviver com este tipo de problemática, deve nos ser sempre motivo de revolta e indignação. Foi em uma dessas tão comuns secas, a que nos assolou de 1877 a 1879, que o governo se aproveitou para matar dois coelhos de uma cajadada só, como bem nos ensina o antigo dito popular, afinal ele poderia construir uma cadeia pública em Sobral e aproveitar-se da mão de obra sofrida dos flagelados da seca.

Naquele jogo imperial de revezamento do poder entre liberais e conservadores, no dia 26 de outubro de 1877, teve início a construção da nova cadeia pública, com planta de João José da Veiga Braga e, por esta razão, ninguém melhor que ele para dirigir as obras. Erguida no terreno do

conselheiro Antônio Joaquim Rodrigues Júnior, onde ficava precisamente o antigo Curral do Açougue, encravado nas terras do patrimônio de Nossa Senhora do Rosário.

O prédio atualmente serve de quartel para a polícia militar de Sobral e fica no centro da cidade, próximo ao atual mercado público.

No campo literário, a história da construção da cadeia foi imortalizada pelo escritor Domingos Olímpio e sua magistral obra *Luzia Homem*.

TEATRO SÃO JOÃO (SOBRAL)



Quem visita Sobral tem várias razões para se encantar com a arquitetura e a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade, e uma das principais razões, sem sombras de dúvidas, é o Teatro São João, mais importante espaço cultural da cidade. Sobral, desde antigamente, respirava

cultura e, por esta razão, em 1875, foi criada a Sociedade Cultural União Sobralense, para desenvolver e propagar a cultura local. Composta por Domingos Olímpio (autor de *Luzia-Homem*), Antônio Joaquim Rodrigues Júnior, José Júlio de Albuquerque Barros (Barão de Sobral), João Adolfo Ribeiro da Silva, entre outros nomes, eles resolveram construir um grande teatro na cidade. O mesmo homem que havia feito a planta da cadeia pública sobralense, o senhor João José da Veiga Braga, foi o responsável pelo desenho do Teatro São João. De posse desta planta, em maio de 1875, a União Sobralense solicitou junto à Câmara Municipal de Sobral licença para a construção do Teatro São João. O majestoso teatro seguiria o estilo do teatro tradicional com dois níveis superiores de camarotes, piso em madeira e cadeiras revestidas em couro, matéria-prima característica da região. Seu estilo é uma clara demonstração da forma como os membros da elite sobralense buscava seguir os padrões europeus, afinal, assim que se iniciou a construção de teatros do tipo italiano, com plateia em ferradura, logo tal estilo também foi utilizado em Sobral. A obra, começa no período em que a cidade passava por uma gravíssima seca, assim, a construção do teatro possuía uma dupla finalidade, a de trazer benefícios culturais e ,também, de promover meios de trabalho aos flagelados da

seca que buscavam apoio em Sobral. Embora tenha sido inspirado no Teatro de Santa Isabel, do Recife, o Teatro São João, é um dos raros exemplos da época que apresenta na fachada um frontão em arco. Inspirado no estilo neoclássico italiano, no dia 3 de novembro de 1875, teve início a construção com o lançamento da pedra fundamental do Teatro São João, antecipando-se em 25 anos à fundação do Teatro José de Alencar, em Fortaleza. A inauguração mesmo demorou um pouco, só ocorreu em 26 de setembro de 1880, com a comédia-drama *A honra de um taverneiro*, de Correia Vasquez, seguida da comédia *Meia hora de cinismo*, de José Joaquim da França Júnior, ambas apresentadas por artistas amadores sobralenses. Desde então, o teatro encanta o povo sobralense, não somente por sua beleza única, como também pelos diversos espetáculos que por lá passam. Com o desgaste natural do tempo, foi necessário que em 2004 o teatro passasse por uma restauração. Hoje ele é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

PRAÇA DO TEATRO SÃO JOÃO



Uma praça linda, em que passa uma rua no meio dela, de um lado tem uma fonte com uma garça dentro de um lago artificial, enquanto do outro pouco tem. Esta é uma descrição simples da famosa praça sobralense do Teatro São João. Dividida em duas partes e separadas por uma

rua, um lado fica ao lado da Igreja Menino Deus, que foi construída primeiro, e o outro fica em frente ao teatro. Quando a segunda parte foi inaugurada, a elite sobralense tomou posse dela, deixando o outro lado para as empregadas domésticas que acompanhavam as patroas e os demais membros de classes sociais mais modestas, numa claríssima prova de discriminação social tão comum na Sobral Antiga e algumas más línguas ainda falam de persistência.

TEXTO COMPLEMENTAR

A EMA DA PRAÇA DO SÃO JOÃO



Esse pequeno ornamento da praça foi injustiçado desde o começo de sua vida, pois na realidade nunca foi ema, mas sim uma belíssima garça real, majestosamente plantada no centro de um minúsculo lago. Mas o populacho achou que aquilo era uma ema, no sentido ridículo, e

assim ficou contrariada a ornitologia. Mas a falsa ema tem uma história que envolve muito de pitoresco e que vale a pena ser conhecida. Ei-la: Falb Rangel, quando construiu a sua casa residencial, na rua da Aurora, esquina com a Praça da Meruoca (hoje transformada em hotel), encomendou a Pedro Frutuoso, excelente artista sobralense, uma garça de concreto, em tamanho natural, para embelezar o seu jardim, onde permaneceu algum tempo sem novidade. Quando Falb mudou-se para a rua Senador Paula (hoje Av. Dom José), esquina com a rua Cel. Mont'Alverne (hoje residência de José M. Aguiar), sendo a casa desprovida de jardim, a garça foi destituída de seu *habitat* e relegada a um depósito. Agripino Sousa, tendo conhecimento da existência da ema e sabendo do destino que tomara, comprou-a por 200.000 \$ (duzentos mil-réis) e levou-a para colocar no jardim de sua recém construída mansão, na praça São Francisco. A ema permaneceu por muito tempo na sua nova morada, até que um dia, Agripino indo ao mercado público, pediu a um moleque que levasse seu balde de compras até sua residência, mediante remuneração. Por mais que explicasse onde morava, o rapaz não entendia. Por fim, o companheiro deste disse haver compreendido a explicação, acrescentando:

– É na casa da ema!

O fato desagradou Agripino, por considerar que havia perdido para a ema a primazia de ser o dono da casa, daí a ideia de se desfazer dela. Numa de suas visitas a Chico Monte, este falou-lhe neste tom: “Agripino, você que é um homem inteligente, veja se ajuda o Antenor (então prefeito) a encontrar uma solução para como preencher o centro do passeio que fica em frente ao Teatro São João.” Agripino pensou logo: “É, agora que eu vou me desfazer da ema!” Aceitou o desafio e pediu a Chico Monte que pusesse Pedro Frutuoso à sua disposição, no que foi atendido. E foi assim, que o

referido passeio ganhou um belíssimo e poético adorno. Mas a história da “ema” não termina aqui. O zelador da avenida, Sr. José de Lima, gostou imensamente da “ema” e do pequeno lago em cuja margem ela ficou instalada. A meninada, com fúria iconoclasta, começou a jogar pedras, latas e papéis de bombom dentro do lago, no que foi prontamente impedido. Devido a luta que bravamente empreendeu, recebeu de pronto o “carinhoso” apelido de marido da ema, com o qual nunca se conformou. Depois de muitos anos de feliz convivência, o Sr. José de Lima morreu, e no dia de sua morte, uma alma piedosa, à noite envolveu a “ema” num fúnebre crepe, para traduzir a sua “viuvez”. Até que enfim, o bonito animal encontrou um lugar definitivo para ficar. Mas, continua “viúva”.

Silveira Rocha. *Jornal Folha do Acaraú*

ESTRADA DE FERRO DE SOBRAL



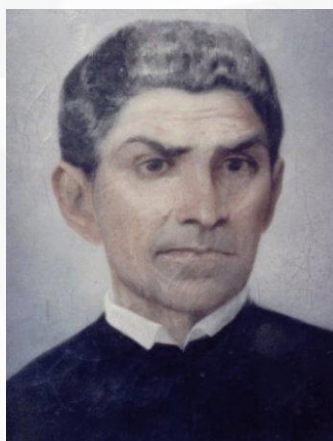
A Estrada de Ferro de Sobral (EFS) foi a segunda ferrovia do Ceará, planejada para dar assistência à cidade de Sobral durante os anos de seca (1877 - 1879). Sua construção teve início em 1878 e alcançou o seu primeiro ponto final, Ipu, em

1894. Atualmente, estes caminhos de ferro são operados pela Transnordestina Logística S.A. Os primeiros trilhos foram assentados em 26 de março de 1879, em Camocim, e dois anos depois, em 15 de janeiro de 1881, foi inaugurado o primeiro trecho, com 24,50 quilômetros, ligando o porto de Camocim à cidade de Granja. A estrada até Sobral iniciou suas operações em 31 de dezembro de 1882, sendo então, inaugurada a estação de Sobral totalizando 128,92 quilômetros de ferrovia. Em 1894, o trecho desta chega a Ipu. Em 1909 começaram as construções do prolongamento da ferrovia até a cidade de Crateús, que chegou lá em 25 de janeiro de 1925. Durante esta construção, diversos povoados se desenvolveram às margens da ferrovia, como a Vila de Humaitá, que atualmente é a cidade de Pires Ferreira que teve seu nome alterado para homenagear o construtor-chefe, o piauiense, Dr. Antônio Sampaio Pires Ferreira. A EFS foi arrendada à South American Railway em 1910, e em 1915, passou para administração

federal sob o nome de Rede de Viação Cearense. Em 1950, a ligação entre a EFS e a Estrada de Ferro de Baturité entrou em operação. Com isso, o trecho entre Camocim e Sobral foi considerado ramal, sendo desativado em 1977. A desativação da EFS foi provocada por uma política equivocada da ditadura militar que incentivou aos transportes rodoviários, enfraquecendo a economia da região norte do Ceará. Atualmente a linha férrea tem sido pouco utilizada, limitando-se à escoação de alguns produtos. A maioria das antigas estações ferroviárias são consideradas patrimônios históricos dos municípios. As principais cidades pelas quais a ferrovia cruza, são: Sobral, Cariré, Reriutaba, Pires Ferreira, Ipu, Ipueiras, Nova Russas, Poranga, Crateús e Camocim.

Wikipédia

GRANDES VULTOS SOBRALENSES: PADRE IBIAPINA



Gilberto Freire, um dos mais respeitados pensadores do Brasil, afirmava que do ponto de visto do catolicismo social, dentro daquele contexto religioso no qual se encontrava o Ceará, no século XIX, o nome do sobralense José Antônio Maria Ibiapina, surge como a maior figura da igreja do Brasil. Nascido em Sobral em 5 de agosto de 1806 e falecido na Paraíba em 1883, o famoso Padre Ibiapina, como ficou conhecido pelo Nordeste a fora, era filho de Francisco

Miguel Pereira Ibiapina, herói cearense morto em 1825 em Fortaleza, devido

à sua participação na Confederação do Equador, com dona Teresa Maria. Apesar das dificuldades iniciais, formou-se em Direito, tendo ocupado cargos na magistratura e na Câmara dos Deputados. Com o passar dos anos, decepcionado com as injustiças da vida contra o povo, abandonou a vida civil para seguir o catolicismo. Aos 47 anos de idade, iniciou uma obra missionária, percorrendo a região Nordeste em missões evangelizadoras, erguendo inúmeras casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas d'água, açudes. Ensinou técnicas agrícolas aos sertanejos, atuação que inspirou, no Nordeste, a Padre Cícero e Antônio Conselheiro a defenderem os direitos dos trabalhadores rurais. O zelo apostólico do

Padre José Antônio Pereira Ibiapina, no percurso do século XIX, no interior do Nordeste brasileiro, deixou marcas significativas, não apenas na organização posterior da Igreja, mas, sobretudo, na vida das pequenas comunidades desta região. Nertan Macedo, jornalista-pesquisador sério da história sertaneja cearense, afirma que Conselheiro, possivelmente teve oportunidade de participar das pregações do Padre Ibiapina na região de Ipu, Ceará, quando ali morou e que certamente teve forte influência deste missionário. Para reforçar sua tese, afirma que o tratamento de “Meu Pai” e a saudação “Louvado seja N. S. Jesus Cristo” adotada por Conselheiro e seus seguidores, foram copiadas da prática ibiapiniana.

Parece não haver dúvidas de que já naqueles tempos idos, Ibiapina adotava práticas precursoras da opção pelos pobres feita pela Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, que posteriormente, viriam a dar origem à contemporânea teologia da libertação. Essa ideia é defendida por Pinto Júnior SJ, em brilhante artigo publicado no periódico *Perspectiva Teológica*, ano XXXIV, nº 93.

Ainda nesse artigo, o autor defende a tese de que Conselheiro e Padre Cícero foram influenciados pelo estilo de vida de Ibiapina, e que de alguma forma, adotaram seu modo de pregar e agir e que, também como Ibiapina, sofreram pressões da Igreja Católica por seus modos, até certo ponto independentes, de pregarem e vivenciarem a religiosidade cristã. Para muitos estudiosos suas ações o colocam em uma posição mais favorável do que a do Padre Cícero, dentro do processo de canonização junto à cúpula do Vaticano.

Saiba mais

[...] Ibiapina foi realmente uma enorme força moral a serviço da Igreja e do Brasil. [...] exemplos como o do padre Ibiapina – que, sozinho, fundou e organizou vinte casas de caridade nos sertões do Nordeste – se impõem aos brasileiros como grandes valores morais. [...]

Gilberto Freyre, *O exemplo de Ibiapina*, prefácio do livro de Celso Mariz, *Ibiapina, um apóstolo do Nordeste*, 1980.

TEXTO COMPLEMENTAR

PADRE IBIAPINA

José Antônio Pereira Ibiapina nasceu no dia 5 de agosto de 1806, em Sobral, Ceará, é filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus. Com a

mudança da família para Icó, em 1816, passou a estudar na escola particular do professor José Felipe, iniciando assim, sua educação formal. Agricultor em Sobral, seu pai foi exercer a função de tabelião público em Icó, sendo convidado, em 1819, para ocupar o mesmo cargo na Comarca do Crato, onde Ibiapina frequentou aulas de religião com o vigário José Manuel Felipe Gonçalves. Na cidade de Jardim, Ceará, estudou latim com o mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo e terminou o curso de humanidades, sendo então considerado apto para o Seminário de Olinda, em Pernambuco, onde ingressou em 1823, aos 17 anos de idade, com o objetivo de se tornar padre. Com a morte do pai – fuzilado em praça pública, no dia 7 de maio de 1825, em Fortaleza, por ter participado da revolução conhecida como Confederação do Equador – Ibiapina teve que voltar ao Ceará para assumir e manter financeiramente a família, interrompendo assim, seus estudos. Segundo alguns pesquisadores, foi nessa época que Francisco Miguel Pereira adotou o sobrenome Ibiapina, em homenagem ao pai e à povoação de São Pedro de Ibiapina, assim como outros confederados fizeram, homenageando outros locais da região. Em 1828, Ibiapina matriculou-se novamente no Seminário de Olinda, sendo aprovado para o curso de Ciências Jurídicas e Sociais de Pernambuco, passando a morar no Mosteiro de São Bento, em Olinda. Após uma brilhante trajetória, formou-se em Direito, bacharelando-se no final de 1832. Após a conclusão do curso, seu nome foi indicado para ser professor de Direito Natural, por proposta unânime da congregação dos professores. Para aproveitar o período de férias escolares viajou então para rever a família e amigos no Ceará, ocasião em que conheceu Carolina Clarence, por quem se apaixonou, marcando casamento para o próximo período de férias. Estava no exercício do magistério como professor substituto de Direito Natural na faculdade de Olinda, quando foi eleito Deputado Geral, para representar o Ceará na Assembleia Legislativa Nacional, no Rio de Janeiro. Depois do encerramento do ano letivo, viajou para Fortaleza com o objetivo de casar e resolver sua nova moradia no Rio de Janeiro. Ao chegar, no entanto, constatou que sua noiva havia fugido e casado com o primo Antônio Sucupira. Em dezembro de 1834, após o encerramento do período legislativo no Rio de Janeiro, volta à Fortaleza, sendo nomeado Juiz de Direito e Chefe de Polícia da Comarca de Campo Maior (hoje Quixeramobim), no Ceará. Em 1835, retorna ao Rio de Janeiro para reassumir o parlamento como deputado, onde permaneceu até 1837, ano em que desistiu da vida política, passando a exercer a advocacia no Recife.

Em 1838, foi convidado a advogar na Vila Real do Brejo de Areia, na Paraíba, fixando residência permanente em Recife somente a partir de 1840, quando instalou um escritório de advocacia, no Pátio do Carmo, tendo advogado na cidade por dez anos. Padre Ibiapina foi considerado um dos mais conceituados advogados de Recife e também ficou conhecido por ser defensor dos pobres. A partir de 1850, no entanto, resolveu abandonar a carreira e passou a morar numa pequena casa no sítio Caxangá, no Recife. Dedicou-se a rezar, meditar, estudar teologia e filosofia, além de fazer caridade. Três anos depois, resolveu seguir o sacerdócio, ordenando-se em julho de 1853, aos 47 anos de idade, como Padre Ibiapina. Celebrou sua primeira missa na Igreja da Madre de Deus, no Recife. Foi nomeado vigário-geral e doou tudo que possuía demonstrando o desapego aos bens materiais. Seus livros de Direito foram doados ao Curso Jurídico de Olinda. Em 1854, por decreto imperial, foi intitulado lente de Eloquência Sagrada do Seminário de Olinda, tornando-se professor de História Sagrada e Eclesiástica da instituição, em janeiro de 1855. No dia 8 de dezembro desse mesmo ano, alterou seu nome para José Antônio de Maria Ibiapina, em homenagem à Imaculada Conceição de Maria. Em 1866, foi nomeado visitador diocesano da Paraíba com a tarefa de visitar e supervisionar as atividades da Igreja Católica naquela província. Foi então que ele, aos 60 anos de idade, deixou sua carreira de professor para começar seu trabalho missionário, percorrendo mais de 600 km pelas províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Sempre de batina, a pé ou a cavalo, pregava, aconselhava e levava o conforto por meio da palavra para o povo sofrido do sertão nordestino. Organizou missões, construiu capelas, igrejas, açudes, cacimbas, poços, cemitérios, hospitais e chegou a fundar mais de vinte Casas de Caridade para moças órfãs carentes, onde elas recebiam educação religiosa e moral, aprendiam a ler, escrever e a fazer trabalhos domésticos, além de terem assistência à saúde. Uma de suas máximas espirituais era “Depois do temor a Deus, o meio mais poderoso que tem o pai e a mãe de família para conservar a família em boa moral, na obediência e ordem regular, é o trabalho constante e forte”. Para alguns pesquisadores ele está incluído na categoria dos iluminados, pessoas que sempre lutaram por um ideal de trabalho e fé. Foi ponte entre a Igreja e o povo pobre do Nordeste brasileiro, construindo uma obra missionária significativa e respeitada, partilhando água, alimento e abrigo com doentes, mendigos e retirantes, levando sempre uma palavra de conforto

àqueles que precisavam. O Padre Ibiapina faleceu no dia 19 de fevereiro de 1883, na Casa de Caridade Santa Sé, na Paraíba.

Recife, 27 de julho de 2011.

GASPAR, Lúcia. *Padre Ibiapina*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 4 maio 2018.

GRANDES VULTOS SOBRALENSES: DOMINGOS OLÍMPIO.



Domingos Olímpio Braga Cavalcanti nasceu na cidade de Sobral, no estado do Ceará, em 18 de setembro de 1850 e veio a falecer no Rio de Janeiro, no dia 7 de outubro de 1906, com 55 anos de idade. Era republicano e abolicionista convicto. Em 1873, forma-se em Direito pela Faculdade de Recife e retorna ao Ceará, onde foi promotor público. Em 1879, transfere-se para o Pará, onde se dedica à advocacia e ao jornalismo. Em 1891 muda-se para o Rio de Janeiro.

Lá exerce atividades como jornalista, escrevendo em periódicos como *O comércio*, *Jornal do Comércio*, *Correio do Povo*, *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio* e *O País*. Publicou em *Os Anais* o romance *O Almirante* e *Uirapuru*, este último deixando incompleto se entregando às mesmas ocupações. No ano seguinte, vai a Washington, EUA, como secretário da missão diplomática encarregado de resolver o litígio de fronteiras com a Argentina. Como literato teve sua importância devido aos seus romances, e é Patrono da cadeira nº 8 da Academia Cearense de Letras. Chegou a se candidatar para a Academia Brasileira de Letras, mas foi derrotado por Mário de Alencar, filho de José de Alencar. Foi apoiado apenas por Olavo Bilac. Além de muitos romances, escreveu também peças teatrais, muitas das quais nunca foram encenadas e ficaram registradas somente em literatura. Sua principal obra foi *Luzia-Homem*, 1903, um romance regionalista que retratava muito bem o cotidiano da cidade de Sobral (Ceará), lugar onde a história se passa. A obra marca a

transição entre o regionalismo romântico e o regionalismo realista. Considerada um clássico, enquadra-se no ciclo das secas da literatura nordestina. A história que se passa no ano de 1878, e tem esse título devido à sua protagonista reunir qualidades físicas de homem e a beleza de uma mulher. A jovem chama a atenção pela sua soberba, e durante a história, sofre diversos preconceitos que se deve ao modo como vive e se comporta. Domingos Olímpio é considerado o precursor do romance moderno no Brasil, ele reúne em sua obra alguns romances realistas de cunho regionalista. Apesar de ter produzido muito, entre romances e peças teatrais, a maior parte de sua obra só foi publicada após o seu falecimento. Ana Paula de Araújo

GRANDES VULTOS SOBRALENSES: JOSÉ JÚLIO DE ALBUQUERQUE BARROS (BARÃO DE SOBRAL)

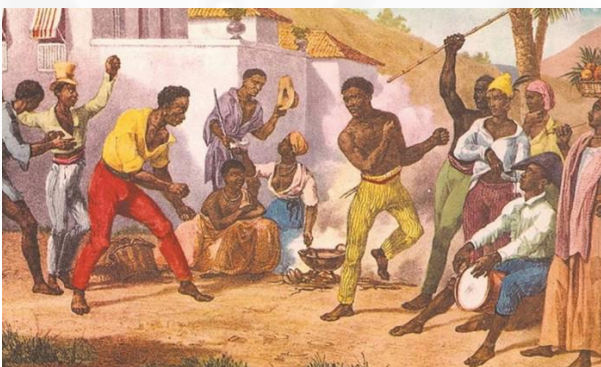


José Júlio de Albuquerque Barros, filho do Dr. João Fernandes de Barros e D. Luiza Amélia de Albuquerque Barros, nasceu em 11 de maio de 1841, em Sobral, província do Ceará. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade do Recife, recebendo o grau de Bacharel em 1861. Defendendo tese na Faculdade de São Paulo, conquistou o título de Doutor, no dia 16 de dezembro de 1870. Foi promotor público em Sobral, diretor da instrução pública da sua província natal, secretário do governo dos presidentes da província, Lafaiete Rodrigues Pereira e Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, sendo exonerado, a pedido, em Decreto de 29 de março de 1866, também foi diretor do Liceu do Ceará, por nomeação presidencial de 14 de dezembro de 1867. Foi deputado da Assembleia Geral Legislativa, pela referida província, na décima terceira legislatura (1867-1870). Exerceu a alta administração em duas Províncias do império: Ceará – nomeado Presidente, em Decreto de 9 de fevereiro de 1878, tomou posse em 8 de março e foi exonerado, a pedido, em Decreto de 4 de maio de 1880; Rio Grande do Sul – nomeado Presidente, em Carta de 2 de junho de 1883, assumiu o poder em 16 do mês de julho e foi exonerado em Decreto de 12 de setembro de 1885. Foi nomeado, em Decreto de 1º de maio de 1880, para

a Diretoria da Agricultura da Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e por outro, de 10 de agosto de 1885, Diretor-Geral da Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, em cujo exercício se encontrava quando foi proclamado o regime republicano, prestando então relevantes serviços, muito colaborando com o respectivo ministro, Manuel Ferraz de Campos Sales, em todas reformas realizadas, principalmente na Organização Judiciária e Código Civil. Com a organização do Supremo Tribunal Federal, foi nomeado ministro do mesmo tribunal, em Decreto de 12 de novembro de 1890; tomou posse em 28 de fevereiro de 1891. Por Decreto de 3 de março, foi nomeado Procurador-Geral da República, exercendo as funções até falecer. José Júlio de Albuquerque Barros foi agraciado, por D. Pedro II, com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, em Decreto de 19 de outubro de 1867, e os títulos do Conselho, em Decreto de 5 de agosto de 1882, e de Barão de Sobral, em Decreto de 19 de janeiro de 1889. Era casado com D. Maria Francisca Gomes da Costa, filha dos Barões do Arroio Grande. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 31 de agosto de 1893, sendo sepultado no Cemitério de São João Batista.

Disponível em: <<http://www.stf.jus.br>>. e <<http://www.mpf.mp.br>>.

OS ESCRAVOS EM SOBRAL



Uma das maiores manchas da história do Brasil, dentre as inúmeras que temos, sem sombras de dúvidas é a escravidão. Por aqui iniciada a partir do início do século XVI, foram “as mãos e os pés dos senhores” e a grande força de produção no país, desde o período colonial até o final do Império.

Por pelo menos cerca de 400 anos, ela permaneceu no país. Numerosos, eram arrancados da África e chegavam nos portos de Pernambuco, Maranhão e Bahia. No Ceará, onde a economia girou durante muito tempo em torno do binômio gado/algodão, a escravidão não era exatamente uma atividade necessária. Em agosto de 1881, por exemplo, havia no Ceará algo em torno de 24.193 escravos, dos quais, segundo pesquisas nada conclusivas, Sobral tinha 1.984. A elite sobralense comprava escravos de

variados locais, entretanto, no que se refere aos lugares de compra cabe destacar os estudos de Raimundo Nonato na obra *Irmandade e Festa: Rosário dos Pretos de Sobral* (1854 - 1884), na qual o autor citado aponta que eram advindos de Pernambuco, Maranhão e Bahia. Sobral, segundo o historiador Raimundo Girão, foi um dos maiores cativéis de escravos do Ceará, em contrapartida foi também um dos lugares de maior atividade dos intelectuais abolicionistas e uma das primeiras cidades a acabar com a escravidão. A presença negra já existia com força no final do século XVIII, quando os negros construíram a Capela do Rosário em 1790 e no início do século XIX, quando ocorria pelas ruas da antiga povoação da Caiçara o cortejo da Festa dos Reis Congos. Existem registros históricos que comprovam que por ser uma região de entroncamento comercial, havia um intenso comércio de escravos africanos em Sobral que demandavam para outras vilas, sendo que a maioria dos escravos eram “negros de aluguel” ou “negros do ganho”, principalmente nos serviços domésticos e no comércio. Nas ruas era comum ver aristocratas e suas famílias deslocando-se de liteira e as sinhás e sinhas tendo uma negra fazendo-lhe companhia muda e segurando uma sombrinha francesa. Embora nesse cenário os castigos corporais aos escravos rebeldes eram constantes, o que não é diferente do resto do país, por aqui, não são poucos os membros da historiografia que defendem que os negros tinham seus dias de folgas na festa tradicional dos Reis Congos que haviam trazido da Angola, como diz Pedro Calmon: “É preciso deixar bem acentuado que muito embora a cruelíssima disciplina da família antiga, que penetrava até as escolas, o escravo do Ceará não era o mesmo mártir da lavoura do sul. Não conhecia eito e a senzala dos latifúndios; fazia tão somente de domésticos, em contato imediato com o seu senhor. Todavia, é importante ressaltar e deixar de uma vez por todas muito claro, que também houveram inúmeros relatos de excessos cometidos, torturas, maus-tratos e morte. Não podemos nos guiar por visões maniqueístas, de bem contra o mal, pois ambos sempre estiveram e estarão presentes no seio social, como diria um velho poeta “A mão que afaga é a mesma que apedreja”.

TEXTO COMPLEMENTAR**JUIZ CONDENA ESCRAVO A MORRER NA FORÇA**

Foto ilustrativa.

Em 1841 foi executado um tal Sebastião, escravo de Joaquim Francisco do Rêgo, conhecido como “Doutor Rêgo”, negociante que residia à rua Velha do Rosário, atual Coronel José Saboia, no prédio em que funcionava a Casa Bancária Godofredo Rangel. Chegando à casa, à noite, o doutor, ao transpor o limiar, sentiu-se agredido e gritou: –

Sebastião, meu negro, acode-me!

Este lhe respondeu: – É ele mesmo, incontinentemente crava-lhe a faca no estômago, prostrando-o semimorto. O Dr. Gustavo Barroso narra o fato com alguma variante: teria Rêgo exclamado: – aqui Del-Rei, que morro! E arquejando ainda teve força para dizer: – foi o meu escravo Sebastião, que me matou. Depois se imobilizou no sono eterno. Sob carrancuda direção do juiz de paz Miguel Francisco do Monte, o cirurgião aprovado João Félix Lobo fez no cadáver o exame pericial, que o escrivão Polycarpo de Sousa autuou com sua rasgada letra cursiva. A facada vibrada de modo certo, perfurara o estômago. Joaquim Francisco Rêgo, homem branco, casado e estabelecido com loja de fazenda na rua do Rosário, era natural de Pernambuco e cursara a Academia de Direito até o terceiro ano. Outro pernambucano aqui residente, seu amigo, major Manuel Francisco de Moraes foi quem construía o sobrado em que funcionava a Farmácia Monte, à Praça do Mercado Velho. Acudiu pressuroso à viúva em lágrimas e esporeou agente para que seguisse sem mais tardança em perseguição do criminoso. Determinaram-se, pois as necessárias diligências para a captura do desalmado. O juiz mandou chamar dois famosos capitães do mato da localidade: Luciano e Sabino. O amigo do morto mandou secundá-los pelo célebre rastejador Chico Sapateiro. Os três homens ganharam o mato, bem armados. Quatro dias após o crime, a 6 de maio de 1841, trouxeram amarrado o negro, que estava escondido na Lagoa das Pedras, perto do Riacho das Itans. E no sumário o réu confessou tudo. Roubara um pouco de aguardente ao amo, e com medo do castigo, resolvera matá-lo. Estava ainda embriagado quando o esfaqueou. O terror

das torturas a que se viam submetidos os pobres africanos e seus descendentes crioulos era tal que os levava assim ao homicídio. O juiz achou que devia ser incurso no grau máximo da pena capitulada no Artigo 192 do antigo Código Criminal, vindo a dar a seguinte sentença: “em virtude da decisão retro, condeno à morte o escravo Sebastião, por haver morto o seu senhor, como se vê dos autos. E depois de preenchidas todas as formalidades legais o escrivão remeta ao juiz competente estes autos para execução desta sentença, pagas à custa pelos bens do finado. Cidade de Januária, 19 de maio de 1841. João Fernandes Barros”. Recolhido ao oratório no dia 15 de junho, no dia seguinte saiu da cadeia, que naquele tempo era no primeiro piso do prédio da Câmara de Vereadores, na Praça da Matriz, rumo à força que haviam armado num terreno baldio para a qual davam alguns fundos de quintais. Doze guardas nacionais mal fardados o escoltavam de baionetas caladas como sempre, o juiz e o escrivão iam a cavalo. O negro caminhava pálido, de cabeça levantada. Era magro, de pernas finas, rosto boçal, com beiçola grossa e caída. Segurava a corda fatal, “um condenado às galés perpétuas” (Lourenço Nogueira Campos), verdugo forçado que chorava todo o tempo convulsamente. Dos instrumentos humanos da bárbara época, era o único que tinha coração. Ao pé do patíbulo, o carrasco soluçante afastou-se escondendo o rosto com as mãos. Nem tinha coragem de encarar os paus do suplício. Antes que o juiz tomasse qualquer providência, o escravo Sebastião subiu os degraus da escada, amarrou a corda à trave. Lá em baixo o padre Antônio da Silva Fialho rezava em voz trêmula e alta o Credo. O réu sorriu, passando o olhar em torno. Depois meteu a cabeça no laço e atirou-se no ar. Levou algumas horas estorcendo-se até que se consumou a asfixia. O carrasco voltou à cadeia sem nada ter feito, entre os guardas nacionais, cabisbaixo, sempre a soluçar. As contas da execução do assassino orçaram em 8.840 cruzeiros, que o juiz cobrou com ofícios ao brigadeiro José Joaquim Coelho, presidente da província, e que a Coletoria de Sobral somente pagou dois meses depois. (Até aqui com informações de Gustavo Barroso). A triste cena realizou-se na rua da Gangorra, atual Domingos Olímpio, mas não no pelourinho.

Silveira da Rocha.

Disponível em: < <http://sobralnahistoria.blogspot.com.br>>.

ABOLICIONISMO EM SOBRAL



Com o fim da Guerra do Paraguai em 1870, a luta abolicionista, que pode ser definida como um movimento político e social, como um conjunto de ideias e ações que defendia e lutava pelo fim da escravidão, ganha força em todo o Brasil. No Brasil, o movimento

abolicionista foi um produto da década de 1880 e contou com a participação de vários setores da sociedade como, por exemplo, políticos, médicos, advogados, jornalistas, artistas, estudantes etc., com exceção dos grandes proprietários de terra, como os cafeicultores paulistas, que perdiam com o fim da mão de obra escrava. O abolicionismo no Brasil alcançou grandes conquistas, como a Lei do Ventre Livre (1871), Lei dos Sexagenários (1885) e Lei Áurea (1888). E seus principais representantes foram Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e José do Patrocínio. Enquanto isso, em Sobral, foi fundada a Sociedade Manumissora, que tinha por objetivo libertar os escravos através da compra de cartas de alforria. Posteriormente, outras entidades abolicionistas surgiram, como foi o caso da Sociedade Abolicionista (1871) e do Clube Abolicionista Sobralense (1883). Nessa época merece destaque a figura de Maria Tomásia Figueira de Melo, que mesmo em uma sociedade patriarcal teve uma atuação marcante ao fundar a Sociedade das Senhoras Libertadoras em 1880. O jornal *O Libertador*, um dos mais importantes porta-vozes do abolicionismo, promovendo ao longo do ano de 1882, diversas citações sobre o destaque “das dignas irmãs de Iracema”, como também destacava as ações de Maria Tomásia tanto em Fortaleza como no interior.

A LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS

A partir da década de 1870, o escravismo em Sobral foi decaindo, pois, as entidades abolicionistas compravam cartas de alforria e um outro fator que contribuiu bastante foi a seca de 1876-77, que intensificou o tráfico interprovincial do Norte para o Sudeste. Na capital, em janeiro de 1881, os jangadeiros liderados pelo Dragão do Mar, proibiam o embarque e desembarque de cativos no porto de Fortaleza. Cada vez mais a economia não dependia da mão de obra negra e aos poucos os escravos iam sendo

libertados. Por ocasião da inauguração da Estrada de Ferro de Sobral (1882) movidos pelo espírito de modernidade, os aristocratas e intelectuais da cidade alforriaram vários escravos. No dia 2 de fevereiro de 1884, quatro anos antes da Lei Áurea (13 de maio de 1888), a Câmara Municipal de Sobral declara libertos os escravos.

Saiba mais

Antes, em janeiro de 1883, Acarape (atual cidade de Redenção) libertou pioneiramente seus cativos, e em 25 de março, o governo provincial do Ceará libertou oficialmente todos os escravos, daí a expressão “Tem da Luz”.

A PRIMEIRA GRANDE INDÚSTRIA DE SOBRAL – FÁBRICA DE TECIDOS



Apesar de haver registros de pequenas indústrias que se dedicavam a confecção de chapéus, foi em 1895 inaugurada a primeira grande fábrica sobralense, Fábrica de Tecidos de Sobral, que posteriormente seria chamada de Companhia de Fiação de Tecidos Ernesto Deocleciano. Embora não

fosse a primeira da Província, visto que a pioneira foi a Tecidos Progresso de Fortaleza, inaugurada por Nogueira Acyoli e Thomas Pompeu em 1883, acabou sendo uma das mais importantes principalmente com o desenvolvimento do ciclo do algodão aqui no Ceará. Entretanto, com a concorrência americana e com a decadência do ciclo do algodão, a Fábrica de Tecidos entrou em decadência, até que fechou as portas, servindo atualmente como um dos *campus* universitários da Universidade Federal do Ceará, mantendo assim o seu prestígio e importância, contribuindo para o desenvolvimento de toda a região.

DIOCESE DE SOBRAL



Sobral é uma das mais importantes do estado do Ceará. Sua fundação só foi possível graças a obediência do clero local ao projeto de “romanização” da Igreja Católica, que vinha em curso desde o final do século XIX. Naquela época eram tempos difíceis, pois o mundo passava pela Primeira Guerra Mundial e aqui no sul do Ceará, Padre Cícero era excomungado pela Igreja, devido às práticas do catolicismo popular e ao seu envolvimento com o coronelismo. O prestígio de Sobral era nítido, visto que um filho da terra seria

nomeado como seu primeiro bispo, no caso Dom José Tupinambá da Frota. Portanto, em 1916, houve a sagração episcopal do destacado religioso sobralense.

GRANDES VULTOS SOBRALENSES: DOM JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA



Dom José Tupinambá da Frota nasceu em Sobral, em 10 de setembro de 1882, morrendo nesta mesma cidade em 21 de setembro de 1959, sendo sepultado na Catedral de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, a Sé de Sobral, na capela do Santíssimo Sacramento, cujo epitáfio em mármore, contém as palavras: *Ad pedes Domini pie requiescat*. O filho de Manuel Artur da Frota e Raimunda Artemísia Rodrigues Lima, fez os estudos primários na cidade natal, vindo a concluir o curso secundário no seminário de Salvador, ingressou

na Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, recebendo o grau de Doutor em Teologia e Filosofia em 1902. Foi ordenado presbítero em Roma em 29 de outubro de 1905. Após haver estudado na Pontifícia Universidade Gregoriana e residido no Colégio Pio Brasileiro, retornou ao Brasil, em 1906, regressando a Sobral ajudou o Padre Diogo da Frota, seu tio, pároco. Em 1907, a convite de D. José de Camargo Barros, lecionou Teologia Dogmática, Ética e Liturgia no Seminário da Ipiranga, em São Paulo. Em

1908, retornando ao Ceará, foi nomeado pelo Bispo de Fortaleza Dom Joaquim José Vieira, vigário de Sobral, uma das principais cidades do Ceará e berço da tradicional família Frota, de cuja casa era membro. Em 1916 foi criada a Diocese de Sobral pela Bula *Catholica e Religionis Bonum*, do Papa Bento XV, que em conjunto com a Diocese do Crato (1914) compunham a Província Eclesiástica do Ceará (1915), com sua Arquidiocese em Fortaleza. Por influência do metropolitano, Dom Joaquim, junto ao núncio apostólico, o então Monsenhor José Tupinambá da Frota foi nomeado e sagrado como primeiro Bispo de Sobral na Catedral de Salvador, na Bahia, em 29 de junho de 1916, por D. Jerônimo Thomé da Silva, arcebispo primaz do Brasil, tomando posse solenemente em Sobral em 22 de julho do mesmo ano. A cidade explodiu de satisfação e orgulho. A escolha do Monsenhor José Tupinambá ocorreu de forma muito reservada, a fim de evitar-se influências – e fofocas – das lideranças locais nessa nomeação. E surpreendeu os sobralenses, pois, embora cogitada e esperada, não se imaginava tanta celeridade na criação da diocese e designação de seu bispo. Dom José tinha o perfil ideal desejado pelo arcebispo de Fortaleza, tanto moral quanto intelectual, pois nesse momento histórico a Igreja Católica no Ceará e no Brasil, com a liderança do Cardeal Dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, entrava numa nova era de reestruturação. O projeto político da Igreja no início da década de 1920, tinha os bispos como os principais líderes. Propunha-se uma restauração católica, cujas diretrizes fundamentavam-se na superação do laicismo da Primeira República, quando a Igreja perdeu sua condição de religião oficial, o ensino religioso, a instituição do casamento civil, o combate ao socialismo e ao comunismo de forma radical, reforço à hierarquia e à autoridade, uma ênfase na participação em todas as esferas da sociedade, tendo como vértice a formação das elites católicas, círculos operários e até partidos políticos, como foi o caso da Liga Eleitoral Católica (1932), que se instalou em Sobral (22 de novembro de 1932) com a participação direta de Dom José, que entra em confronto com a oposição liderada pelo juiz José Saboya, tendo Dom José saído vitorioso dessa disputa, usando como pseudônimo Chico Monte, de quem seria aliado por muito tempo. Dom José foi um estudioso da Genealogia e sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará e de igual maneira do Instituto Brasileiro de Genealogia. Um dado curioso sobre Dom José, foi a outorga do título palatino de Conde Romano da Santa Sé, que lhe teria sido agraciado por Pio XII. Esse título causa muita

confusão entre os não informados, pensando-se tratar de uma outra designação de bispo e, de forma geral, diz-se de forma equivocada bispo-conde de Sobral. A Santa Sé outorgava títulos de nobreza a bispos e pessoas que lhe prestavam relevantes serviços, resquícios da monarquia papal e dos Estados pontifícios, abolidos no século XIX, de forma que no Ceará foram agraciadas somente duas pessoas com títulos nobiliárquicos pontifícios, sejam, Dom José, como conde e Guilherme Studart, como Barão, por Leão XIII, em 20 janeiro de 1900. No Brasil 13 bispos receberam títulos nobiliárquicos de condes, como também outras personalidades leigas que receberam títulos diversos, computando 61 titulares. Os títulos palatinos (palacianos) são títulos outorgados às pessoas que assistem o soberano nos afazeres do governo ou prestam serviços à sua casa ou pessoa. O mais conhecido é o Conde Palatino que é muitíssimo considerado pela nobreza pois ele subentende a proximidade de seu dignitário com o soberano e implica, sempre, em altas funções exercidas na Corte. A Santa Sé outorga títulos palatinos acrescentando a expressão “romano” como exemplo: Conde Romano ou Conde Romano da Santa Sé. Lamentavelmente não conseguimos identificar o ano da outorga desse título, segundo o *site* da escola brasileira de Genealogia, ele é real, mas não identifica qual o papa e qual o ano isso aconteceu. Presumimos, pela cronologia histórica que teria sido Pio XI, haja vista a grande quantidade de títulos de conde concedidos por aquele pontífice, que restabeleceu a autonomia política da Santa Sé. Fato é que a elite sobralense encontrava-se com esse título outorgado a Dom José, de certa forma enobrecida também. Ele um teocrata como o foi, aristocrático e vaidoso é elevado a patamares superiores e pode sobrepor-se sobre os seus pares e conterrâneos e tratar com as autoridades políticas brasileiras como um superior: Ele é mais que um simples bispo diocesano é um nobre! Dom José Tupinambá da Frota implantou um modelo de Igreja Católica Romana dentro dos padrões e diretrizes da Santa Sé, tanto liturgicamente como moralmente. Autoritário, era muito intransigente e exigente com seus padres e também com os leigos. Certo padre de sua diocese, já falecido, lamentava-se do mesmo não lhe haver permitido pagar a contribuição ao então INPS nada além que um salário mínimo. Orgulhava-se de não haver uma só igreja protestante dentro de suas fronteiras eclesiásticas. Era afeito a grandes “pontificais”, nos quais usava parâmentros feitos em Roma e próprios para o clima europeu, quando Sobral tem uma temperatura média variando de 24 °C, à noite, a 36 °C.

Teria comprado um automóvel Rolls-Royce usado unicamente em dias solenes. Criou várias paróquias, ordenou a vários padres, que adotassem o modelo centralizador e autoritário de seu bispo, e que nem o Concílio Vaticano II (acontecido após a sua morte), foi capaz de modificar suas atitudes. Ainda hoje persiste na região um certo “coronelismo” clerical, mesmo nas gerações atuais que acabam “cedendo à mosca azul” que o prestígio interiorano ainda lhes dá. Sua influência na sociedade foi além de seu poder episcopal. Nas visitas pastorais, realizadas com muita pompa em suas paróquias, formavam-se filas gigantescas de fiéis para o “beija-mão” e à sua saída – sob pálio – e retorno das casas paroquiais, onde hospedava-se, os sinos repicavam em deferência à sua dignidade episcopal, até recolher-se novamente. A submissão do povo cearense da zona norte tem raízes históricas na dominação portuguesa e na catequese jesuítica dos séculos XVII ao XVIII, pois muitas cidades da região norte do Ceará têm origens nos aldeamentos missionários e nas posteriores vilas de índios, como é o caso específico de Viçosa (aldeamento da Ibiapaba) que era, então parte integrante da Diocese de Sobral. Durante seu episcopado, influenciou muito na política local e regional e era um dos líderes políticos regionais, utilizando-se de forma extensiva a Rádio Tupinambá de Sobral – também fundada por ele – e de grande audiência por toda a região, era um dos seus instrumentos ideológicos, políticos e religiosos (cujo integralismo – os camisas verdes – de Plínio Salgado, estava em voga na Igreja) e que contribuiu muitíssimo na hegemonia desse bispo. Seu braço direito para as ações políticas eram Chico Monte (na década de 1930) o padre José Palhano de Saboia (na década de 1950), o qual o tinha como filho adotivo, e que foi eleito prefeito de Sobral (1959-1963) depois de sua morte. Os resquícios da participação da Igreja de Sobral nos negócios públicos ainda hoje são sentidos na região norte do estado do Ceará, quando muitos padres fizeram papéis de cabos eleitorais de candidatos locais. Ao longo dos 51 anos de administração eclesiástica, 8 como pároco e 43 anos como bispo, criou em favor de Sobral – em detrimento das outras cidades da vasta diocese e suas paróquias, e com recursos daquelas – inúmeras instituições dentre as quais podemos destacar, os colégios Sobralense e Sant’Ana – para rapazes e moças da elite –, o Patronato Imaculada Conceição a Escola profissional São José, o Museu Diocesano, onde juntou peças de Arte sacra de suas paróquias, inclusive confiscando relíquias históricas de várias antigas paróquias, o Abrigo e Orfanato Coração de Jesus, o Cine Teatro Glória e o Jardim Zoológico, a Casa de Saúde São José

e a Santa Casa de Misericórdia – que ainda nos dias atuais é centro de referência em toda a região, o Seminário Teológico- -Filosófico, para a formação de seminaristas, que foi o embrião da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e inclusive o Banco de Crédito Popular, que se transformaria posteriormente no Bancesa S/A (falido em fevereiro de 2003, mas que por muito tempo fomentou a economia local. Dom José foi de forma direta e indireta um dos mentores do desenvolvimento de Sobral e de toda a região norte do estado do Ceará, mas também o responsável pelo modelo de Igreja autocrática, ainda persistente naquela região. Sua morte, aos 77 anos, deixou um vácuo na igreja de Sobral, pois seu modelo único não podia – nem devia – ser copiado por seus sucessores que optaram por modelos de episcopado mais pastorais – já guiados pelas diretrizes da CNBB – e menos aristocráticos numa Igreja Católica que tentava se atualizar sob as luzes do Concílio Vaticano II.

MAIS SOBRE DOM JOSÉ

Dom José Tupinambá da Frota controlou a Igreja Católica em Sobral, durante cerca de cinquenta anos, primeiro como vigário geral da diocese depois como primeiro bispo, preservando os fiéis das tentações da maçonaria, do espiritismo, do comunismo e das alegrias do sexo, disputando ainda a liderança política da cidade com o eterno rival, o juiz e industrial José Saboya de Albuquerque. O bispo que, em determinada época, chegou a se assinar Bispo Conde de Sobral, não deixou marca apenas de grande realizador de obras materiais na cidade, mais importantes que todas as outras de responsabilidade de líderes políticos locais, foi também o antístite, apegado às honrarias e às insígnias do posto, às exigências da liturgia e às imposições da hierarquia. Ele gostava de se trajar, com vestes de bispo, cheio de arminhos, levando, ao tórax, cruz pastoral de ouro e à mão báculo dourado, indicações de sua importância e da reverência que sua posição exigia. “Ajoelha, cabra”. Dom José exigia muito respeito às formalidades. Quando em visita à Secretaria do Interior e Justiça, ainda sob a ditadura, D. José foi cumprimentado com um aperto de mão pelo porteiro ou contínuo Fialho. Não gostou e, empurrando-o levemente, ordenou: “Ajoelha, cabra”. É que, naquele tempo, a gente se ajoelhava para beijar a mão do bispo. E Dom José não dispensava tal tipo de homenagem.

A UM BISPO NÃO SE CHAMA

Certa vez, depois de despachar no Banco de Crédito Popular com seu dirigente, saiu apressado. Seu presidente, José Modesto Ferreira Gomes, um dos esteios da religião, construtor da Igreja do Sumaré, lembrou-se de que ainda havia um assunto pendente, dependendo de sua decisão. Elevou então a voz para deter o antístite, que ia apressado. “A um bispo não se chama”, disse ele, repreendendo José Modesto Ferreira Gomes, que o chamara em vão, quando conseguiu alcançá-lo. É que o bispo continuou andando, como se não o estivesse ouvindo, mesmo depois de ele haver alteado a voz. O padre Tibúrcio Gonçalves de Paula, que morou em sua companhia no Palácio do Bispo testemunhou cena que bem define sua preocupação com a hierarquia: Certa feita, um sertanejo assim o abordou: “Senhor bispo!”

“Suba mais”

“Vossa Reverendíssima”

“Suba mais”, ordenou Dom José.

“Vossa Excelência Reverendíssima”

O antístite ficou, enfim, satisfeito:

“Assim é que se trata um bispo

Magister dixi

Dom José foi, desde cedo, admirado como aluno exemplar seja na Bahia seja no Vaticano, onde obteve o título de Doutor e como homem de cultura privilegiada, exaltada pelos colegas de episcopado. Por isso, gostava do *magister dixit* e não admitia contestação. O único sacerdote que dele discordava, e isto na presença dos outros, e por isso, merecia seu respeito não sua estima, era Expedito Lopes que foi assassinado, já como bispo de Garanhuns, por sacerdote de sua diocese pouco ligado no voto de castidade que jurava e no celibato que não respeitava. Basta ver como ambos de comportam em discussão sobre determinado dispositivo do Direito Canônico.

O ESTADISTA

Dom José Tupinambá da Frota foi o maior homem público de Sobral, capital da civilização do couro, instalada no Ceará, Nordeste brasileiro. Superior, em serviços prestados à cidade, que os políticos contemporâneos José Saboya e Chico Monte, ela grandeza dos benefícios que implantou e

que até hoje servem à comunidade. Dentre suas principais contribuições para a sociedade sobralense, estão:

- A Santa Casa de Misericórdia, posteriormente, reformada e modernizada pelo Padre José Linhares, para servir a mais de cinquenta municípios da região norte do Estado.
- O Seminário Diocesano que formou a elite da Princesa do Norte, principalmente a que fundou e deu os melhores professores à Universidade do Vale do Acaraú, cujo prédio principal ainda hoje abriga sua Reitoria. Foi instalado pelo historiador Padre Sadoc de Araújo e teve período de grande expansão sob o comando do professor Teodoro Soares, ex-seminarista dali.
- Os colégios Sobralense para rapazes e Santana para moças.
- O Patronato para ensinar às moças pobres.
- O Abrigo, fundado com o objetivo de acolher velhos pobres e desamparados.
- O jornal *Correio da Semana*, ainda hoje em atividade, e que foi fundado também para lhe dar sustentação às campanhas políticas.
- O Museu que guarda inclusive o testemunho do fastígio e da riqueza da região, no auge do prestígio da pecuária. Não mais existe o banco que fundou e que terminou seus dias sob o controle do exportador Manuel Machado da Ponte. Para realizar tanta coisa, não foram suficientes os recursos da Diocese, e nem os de sua fortuna pessoal. Precisou exercer muita influência política para arrecadar meios de que precisava para executar seu gigantesco programa de obras públicas. Isto o levou à intensa participação nas disputas da vida pública da cidade e a polêmicas ferozes. Daí os atritos com o jornalista Deolindo Barreto, diretor de *A Lucta* contra cuja leitura e mera assinatura instituiu pecado mortal. Outro rival seu, foi o aristocrata, José Saboya, com quem viveu às turras, apoiando seu ex-aliado e adversário Chico Monte. Até que, no fim da vida, deste se afastou para ajudar o pupilo querido, padre José Palhano de Saboia a conquistar a prefeitura municipal. O Bispo era ativo defensor da moral da época e de seus ditames a ponto de ficar, vigiando da janela do sobrado que habitava, a que horas os foliões deixavam os bailes do Carnaval do Tabajara Clube, se dele saíam à meia noite de terça-feira ou se continuavam na gandaia até a manhã da Quarta-Feira de Cinzas. Por isto, os padres tinham de manter cerrada vigilância sobre os decotes das mulheres que tinham ingresso no tempo, contra o Carnaval dos clubes e o “coco” dos subúrbios. Dançar o Carnaval mesmo ao lado da mulher era pecado, que os membros da

Congregação Mariana, como Raimundo Machado, posteriormente rei da cera de carnaúba no estado e José Valeriano Dias, expiavam com expulsão pública da entidade.

Silveira Rocha

Disponível em: <<http://sobralnahistoria.blogspot.com.br>>.

RESUMO PRÁTICO

Dom Jose Tupinambá da Frota, dinâmico, futurista, e em certos momentos, conservador ao extremo, o bispo alavancou o desenvolvimento da cidade na primeira metade do século XX. Construiu o Seminário Diocesano (que deu origem à Universidade Estadual Vale do Acaraú), a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, um Museu, um abrigo para idosos, um orfanato e várias instituições de ensino como o Colégio Santana para mulheres, o Colégio Sobralense para homens e o Patronato, entre outras inúmeras obras. Na década de 1930, Dom José se destacou na luta contra o comunismo através da LEC (Liga Eleitoral Católica), instituição político-religiosa de nível estadual que procurava controlar o eleitorado em meio a suposta “ameaça vermelha”.

ARCO DO TRIUNFO DE SOBRAL

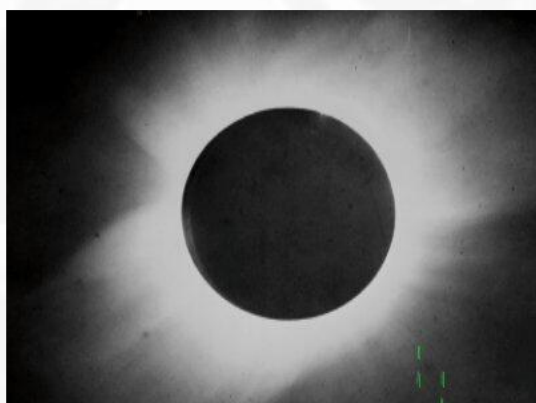


A foto anterior é do local onde ficava o Cruzeiro das Almas, que fora erguido por iniciativa do missionário Frei Vidal de Fraccardo, oriundo do Convento da Penha, de Recife, como representatividade maior de sua fé inabalável, quando o mesmo passou por Sobral em 1797, final do século XVIII, para

pregar missões, tendo incentivado os fiéis a construir a Igreja de Nossa Senhora das Dores. O Prefeito José Jácome de Oliveira, demoliu A Cruz das Almas, em 1929, para que ali outra obra fosse feita. Entretanto, em prática lamentavelmente tão comum em nosso país, a promessa perdeu-se em meio ao vão. Foi então que em 1953, Dom José Tupinambá da Frota, resolveu construir o Arco de Nossa Senhora de Fátima, durante a

administração do Prefeito Antônio Frota, para marcar a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima ao Brasil, tendo Sobral como ponto de passagem. O monumento foi projetado por Falb Rangel, tendo sua obra executada por Francisco Frutuoso do Vale, que também foi o autor da imagem de Nossa Senhora que o sobrepõe. Mesmo com o passar dos anos, o arco que apenas lembra, e muito vagamente, aos arcos franceses, é chamado e conhecido como Arco do Triunfo, situado no Boulevard Pedro I, hoje Av. Dr. Guarany, o Arco de Nossa Senhora de Fátima é um dos monumentos que mais caracterizam a cidade.

O ECLIPSE SOLAR E A TEORIA DA RELATIVIDADE



Em 1919, Sobral, junto com a Ilha do Príncipe em São Tomé, foi o palco de uma importante confirmação da Física. A Expedição Britânica do Eclipse Solar, liderada por Arthur Stanley Eddington deslocou-se para os dois lugares a fim de comprovar (graças ao eclipse solar de 29 de maio de 1919) a distorção que a luz sofre ao chegar no planeta Terra. Com tal

confirmação, Albert Einstein pôde comprovar sua Teoria da Relatividade. No dia do eclipse, a Ilha do Príncipe apresentou mau tempo, o que prejudicou e muito o trabalho. O céu estava bastante nublado, fazendo com que apenas duas das várias fotografias efetuadas apresentassem imagens de estrelas. Já em Sobral as condições meteorológicas foram muito melhores. Aqui foram obtidas sete boas imagens do fenômeno. Como lembrança de tal fato, foi construído na praça da Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio, um monumento e, posteriormente, um museu, chamado Museu do Eclipse, que homenageia a cidade e os físicos e astrônomos que participaram da descoberta.

ECLIPSE TOTAL DO SOL

As comissões do eclipse solar de 1919

Terminada a Primeira Guerra Mundial, os cientistas voltaram a ter condições de reiniciar suas atividades normais de pesquisa. O eclipse de 29 de maio de 1919 despertou assim a atenção dos astrônomos e físicos, e deveria ser aproveitado ao máximo. Outros fenômenos solares, como as protuberâncias e a constituição da coroa, podem também ser melhor estudados durante a ocultação. O eclipse de 1919 tornou-se assim um fenômeno de grande importância.

A comissão americana

A comissão americana pertencente ao Carnegie Institution de Washington chegou a Sobral, juntamente com a brasileira, no dia 9 de maio. Era composta por Dr. Daniel M. Wise, especialista em magnetismo terrestre, por Dr. Andrew Thonpson, especialista em fenômenos atmosféricos. O objetivo principal desta comissão era medir os efeitos do eclipse sobre o magnetismo terrestre e sobre as propriedades elétricas do ar na ausência dos raios solares. A comissão americana instalou seu observatório na Praça do Patrocínio e se hospedou na residência do juiz José Saboya de Albuquerque.

A comissão brasileira

A Comissão científica brasileira enviada pelo Observatório Nacional do Rio de Janeiro, e chefiada pelo Dr. Henrique Morize, era composta de oito membros: Dr. Domingos Costa, astrônomo; Dr. Lélio Gama, calculador; Dr. Teófilo Lee, geólogo e químico; Dr. Luiz Rodrigues, meteorologista; Dr. Alírio de Matos, astrônomo; Artur de Almeida, mecânico; e, Primo Flores, auxiliar. O desembarque se deu às três horas da tarde, do dia 9 de maio, na estação ferroviária de Sobral, procedente da cidade de Camocim, onde chegaram no dia quatro do mesmo mês, no navio de passageiros João Alfredo. O posto de observação desta comissão foi montado na Praça do Patrocínio e tinha como principal objetivo fotografar a coroa solar para determinar sua extensão, testar a Teoria da Relatividade e, finalmente, fotografar o espectro da coroa para determinar sua composição e tentar medir a velocidade de sua rotação.

A comissão inglesa

A missão mais importante cabia à comissão inglesa composta pelo Dr. Crommelin, secretário da Royal Astronomy Society e Assistente do Observatório de Greenwich, e do Dr. C. Davidson, astrônomo do mesmo observatório. Os integrantes saíram de Liverpool, no dia 8 de março, no navio Anslm, chegando a Belém do Pará em 23 do mesmo mês. Passaram um mês na Amazônia. No dia 24 de abril tomaram em Belém o navio para Fortaleza, no qual viajaram até Camocim, chegando no dia 29. No dia seguinte, vieram de trem para Sobral, onde foram recebidos pelo prefeito municipal Dr. José Jácome Oliveira, e também pelo Mons. José Ferreira, representante do Bispo Diocesano. O cel. Vicente Saboia, então deputado federal, deu guarita à comissão, que montara seu posto de observação no hipódromo do Jockey Clube, então localizado em frente à casa em que ficaram hospedados. **Como a comissão viu Sobral** Em artigo publicado na revista londrina *Conquest*, de janeiro de 1920, p. 129. C. Davidson assim se referiu à cidade no trecho que traduzimos: Sobral é uma cidade do estado do Ceará, a segunda depois de Fortaleza que é a capital. Tem cerca de 10.000 habitantes e fica às margens do rio Acaraú. Até quando não faltam chuvas, o Ceará é um estado fértil. Infelizmente, isto nem sempre acontece e o resultado é uma desastrosa seca. Era esta a situação durante o tempo de nossa permanência. Nós chegamos no final da estação chuvosa, mas nenhuma chuva tinha caído, e nem era esperada antes de janeiro do ano seguinte. A população já estava se retirando do campo para as cidades e muitos tinham deixado o próprio estado para regiões mais favoráveis da Amazônia e do Sul do país. O rio estava quase seco e a água para o consumo da cidade era retirada de cacimbas cavadas no leito arenoso que lentamente a filtrava, concluiu o astrônomo.

Por que a comissão veio a Sobral

Consultando um mapa da trajetória da sombra daquele eclipse, vê-se que ela começa no Pacífico, perto da costa ocidental do Peru, passa sobre o Nordeste do Brasil, atravessa o Atlântico rumo a África onde atinge a costa da Libéria e cruza a África Central, terminando no mar perto da costa oriental africana. A primeira providência a ser tomada foi encontrar nesta linha de sombra os locais mais apropriados para onde enviar os observadores. Foi necessário considerar a facilidade de acesso, a altura do sol no momento do eclipse e as possíveis condições meteorológicas com relação às nuvens. Estes estudos foram feitos no Observatório de Greenwich

pelo Dr. Hinks. No Peru, o sol estaria muito baixo, pois apenas surgira no horizonte. Na África Oriental estaria também muito baixo, pois o ocaso seria próximo. Nas ilhas de São Pedro e São Paulo, no meio do Atlântico, o sol estaria a pino, mas uma estação ali seria impraticável já que são apenas rochedos isolados no mar e seu cume coberto de guano. A Libéria seria aceitável tanto com relação a duração da totalidade, como da altura do sol, mas estava no meio da estação chuvosa e as probabilidades de bom tempo eram problemáticas. No lago da Tanganica, a montagem da estação seria bastante onerosa e também as condições meteorológicas não seriam favoráveis. Os astrônomos do observatório de Greenwich decidiram, então, enviar duas expedições: uma à cidade de Sobral e outra à Ilha do Príncipe, Costa Ocidental da África. Nestes dois locais, o sol estaria numa altura de 45° e a duração total do eclipse seria de cinco minutos. As condições nestes dois locais eram as melhores possíveis.

Como a comissão inglesa viu o eclipse

Em Sobral o eclipse começará às 7 horas e 46 minutos (hora oficial do Rio de Janeiro). Logo depois o observador verá uma pequena sombra na parte superior do Sol, e, a proporção que o eclipse vai aumentando, esta sombra aumentará à medida que a luz for se aproximando do disco solar, até ficar apreciavelmente menor às 8h e 56 minutos. O Sol será totalmente obscurecido nesse momento e a escuridão cobrirá a face da Terra. Quando os últimos traços solares desaparecerem, este maravilhoso apêndice – a coroa será vista brilhante com a sua própria luz. As mais brilhantes estrelas serão visíveis e, a uma pequena distância acima do Sol, o planeta Mercúrio poderá ser visto mais brilhante do que uma estrela de primeira grandeza. A obscuridade completa do eclipse durará cinco minutos e então, como o Sol emerge detrás da Lua, a coroa desaparece. A Lua, então, pouco a pouco, passará do Sol, repetindo em ordem inversa, os mesmos fenômenos do começo.

Silveira Rocha

Disponível em: <<http://sobralnahistoria.blogspot.com.br>>.

RESUMO PRÁTICO

Em 1915 o cientista Albert Einstein anunciou a sua Teoria da Relatividade, havia a necessidade de sua comprovação experimental direta, o que poderia ser feito por ocasião de um eclipse total do Sol.

Invisível no Hemisfério Setentrional, o eclipse total do Sol, previsto para 1919, poderia ser observado satisfatoriamente pelos cientistas de dois pontos da Terra: Sobral, no Brasil, e Ilha de Porto Príncipe, na África. Sobral recebeu uma comissão científica de astrônomos e físicos da Inglaterra dos Estados Unidos e do Rio de Janeiro, com o intuito de observar o fenômeno, medir o peso da luz e comprovar a Teoria da Relatividade. A aparelhagem complexa e avançada para a época, combinada com as condições do tempo favorável, foram fundamentais para que as observações feitas em Sobral (por ocasião do eclipse total do Sol ocorrido a 29 de maio de 1919), servissem para a coleta de informações. A cidade foi destaque na imprensa internacional. A comissão brasileira foi composta por oito membros, tendo à frente, Henrique Marize, chefe do Observatório do RJ. Durante o eclipse foi possível a visualização das estrelas que estavam ao seu redor e com uma câmera acoplada ao telescópio foram feitas oito fotos perfeitas, onde havia, pelo menos, sete estrelas. Os resultados desse trabalho foram publicados meses depois e discutidos no encontro científico realizado, em Londres, no dia 6 de novembro de 1919.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SOBRAL



Obra portentosa de Dom José, ocorrida a 24 de maio de 1925. A partir desta data, a medicina saiu das mãos individuais, embora hábeis e abnegadas dos grandes médicos que, no passado serviram a cidade. Trabalho hercúleo, tendo em vista a falta de recursos, técnicos e financeiros do tempo, a

construção da Santa Casa, cuja pedra fundamental fora benta a 25 de agosto de 1912, foi esforço gigantesco que por si só bastaria para imortalizar o grande bispo sobralense. Na solenidade de inauguração, a fita simbólica foi cortada pelo Senador João Tomé, então em visita à terra natal, que compreendendo o alto significado daquela ocorrência, pronunciou as

solenes palavras “abram-se as portas da caridade”. Foi inaugurada a 24 de maio de 1925. Na construção do prédio foram gastos mais de 300 contos de reis.

Texto extraído do livro *História da Cultura Sobralense* de Pe. Fco. Sadoc de Araújo.

No dia 12 de agosto de 1912 houve a solenidade da bênção da pedra fundamental, feita pelo Bispo de Sobral à época e idealizador da nova instituição, Dom José Tupinambá da Frota. No fim de 1918, o prédio estava todo preparado e pintado, esperando por irmãs religiosas para dirigirem internamente o hospital. Depois de um longo esperar, afinal, no dia 31 de janeiro de 1925, chegaram de fato as Irmãs da Congregação das Filhas de Sant’Ana para administrar o hospital. No dia 24 de maio de 1925, festa de N. Sra. Auxiliadora, assinala um dos fatos mais importantes da vida social sobralense. Com a honrosa presença do representante do Exmo. Sr. Presidente do Estado, Desembargador Dr. José Moreira da Rocha, sobralense eminente, e um dos maiores protetores da Santa Casa, e perante enorme assistência de famílias, foi solenemente inaugurada a Santa Casa de Misericórdia de Sobral.

Silveira Rocha.

Disponível em: <<http://sobralnahistoria.blogspot.com.br>>.

TEXTO COMPLEMENTAR

MUSEU DOM JOSÉ



Dotado de incansável espírito empreendedor, Dom José Tupinambá da Frota coletou, entre os anos de 1916 e 1959, um acervo de quase 5.000 peças reunidas no Museu Diocesano, considerado o 5º do Brasil em Arte sacra e decorativa, pelo ICOM (Conselho Internacional de Museus). Fundado em 29 de

março de 1951 e inaugurado oficialmente em 10 de março de 1971, o Museu Diocesano, hoje denominado Museu Dom José, é um magnífico painel da história social de Sobral e municípios norte cearenses. Possui acervo de coleções raras de meio de transportes, como liteiras e cadeiras de arruar;

porcelanas e cristais da Boêmia, Baccarat, Limoges, e louças da Companhia das Índias Ocidentais; pratarias, artesanato regional, arte indígena, peças arqueológicas que suscitam a curiosidade dos estudiosos que buscam sítios da região. Encontramos ainda expressiva coleção de Arte sacra, notadamente imaginária, cálices, oratórios, castiçais e demais objetos de culto que confirmam, por sua variedade e quantidade, o elevado sentimento de religiosidade do povo sobralense. Ao lado dessas peças, encontra-se a arte em madeira, mostrada em mobiliário de origem brasileira e europeia nas mais belas e variadas formas. A coleção numismática impressiona pelo número de peças, cerca de 10.000 moedas. Destacam-se também, objetos de adorno, indumentária, pinturas, esculturas e armaria. O acervo encerra toda a evolução do Vale do Acaraú; conta-nos a história da iluminação, antes da energia elétrica, a partir de velas de carnaúba até os mais finos lustres de cristal da Boêmia. Vale salientar que grande parte desse acervo foi doado por famílias do norte cearense, numa época de hegemonia econômica e política de Sobral. Pela originalidade e valor das peças, podemos avaliar o nível cultural de seu povo. Sobre o Museu, assim se expressou Gustavo Barroso, em carta dirigida a Dom José Tupinambá da Frota em 23 novembro de 1955: "...Da minha visita ao Museu Diocesano de Sobral guardei uma impressão de surpresa e admiração. Surpresa por encontrar tão rico acervo de relíquias do nosso passado numa cidade sertaneja do Ceará; de admiração pelo incontestável valor do mesmo e pela pertinácia e esforço em conseguir reuni-lo. Seria muito desejar que os poderes públicos do Estado ou da Federação lançassem um olhar protetor sobre essa notável obra... Viriam esses poderes simplesmente coroar a iniciativa do trabalho da Cúria sobralense, nunca por demais louvado." O prédio onde está instalado o Museu Dom José foi construído em 1844, pelo Major João Pedro da Cunha Bandeira de Melo, primeiro Juiz de Paz de Sobral. Sobrado de grande valor arquitetônico, com 57 janelas externas, dispostas ao longo de dois pisos, conserva até hoje características do estilo "império". Comprado por D. José, o prédio foi o Palácio Episcopal de 1933 a 1959, quando ali faleceu o primeiro bispo da cidade. Logo depois, passou a abrigar o museu. Em 1992, suspendeu suas atividades em razão da precária situação de algumas partes da edificação. No final da década de 1980, a Diocese de Sobral confiou a direção do museu à Universidade Estadual Vale do Acaraú, no Reitorado do Cônego Francisco Sadoc de Araújo. Por iniciativa do Reitor José Teodoro Soares, foi firmado convênio entre o Ministério da Cultura,

Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará e a Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, para recuperação do museu em sua estrutura física, e grande parte de seu acervo foi restaurado por especialistas, dentro dos mais modernos padrões. O Museu Dom José, em sintonia com a moderna concepção museológica, propõe mostrar os objetos, não isoladamente, mas contextualizados, no espaço e no tempo do qual são partes integrantes. Daí a necessidade de reconstruir ambientes e dar-lhes a atmosfera da época, enfim, demonstrar como era a vida cotidiana dos sobralenses. O Museu, como templo cultural sacralizado, passa a ser substituído por outros espaços ocupados por diferentes agentes sociais, ressaltando a cultura popular, buscando em suas exposições novos objetos, novos agentes, novas formas de lazer e saber. Organizado com propósitos educativos para completar a educação formal, o Museu D. José dá prioridade a uma política pedagógica de revitalização da cultura norte cearense defendida pela UVA. A visita ao museu torna-se, pois, parte essencial da educação moderna. Com a reabertura, em 24 de março de 1997, pelo Governador Tasso Jereissati, as instituições públicas conveniadas cumpriram a função básica de preservar e divulgar o patrimônio cultural pertencente ao povo sobralense

Silveira da Rocha

Disponível em: <<http://sobralnahistoria.blogspot.com.br>>.

SOBRAL TOMBADA PELO IPHAN

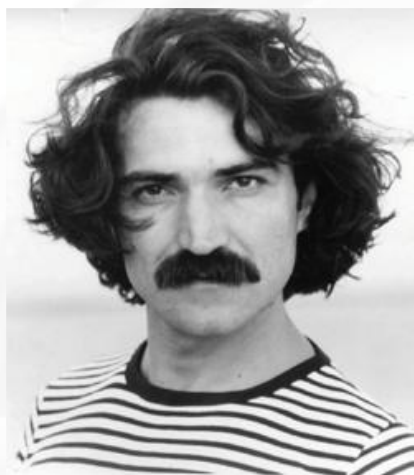


O Sítio Histórico de Sobral foi tombado como Patrimônio Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional (Iphan), em 12 de agosto de 1999. Nesta época o arquiteto Antônio Carlos Campelo Costa foi contratado em 1997, pelo então prefeito Cid Gomes, para fazer o levantamento e a delimitação de áreas de valor histórico e cultural para Sobral. O conjunto urbanístico reconhecido como Monumento Nacional abriga 1.247 imóveis em uma poligonal com perímetro total de 5,33 quilômetros. Exemplos de imóveis tombados: colonial (Casa do capitão-mor), barroco (Sé Catedral), neoclássico (Teatro São João), *Art nouveau* (residências da rua Lúcia Saboia)

e Art déco (agência dos Correios e Telégrafos), entre outros. Foi também feita a requalificação do Largo das Dores; a urbanização da margem esquerda do rio Acaraú; a restauração do Teatro São João e da Casa do capitão-mor; a reforma do Boulevard do Arco; e a criação da Escola de Comunicação, Cultura, Ofícios e Artes (Ecoa), que ocupou antigos galpões de uma fábrica.

GRANDES VULTOS SOBRALENSES: BELCHIOR



Belchior nasceu em Sobral, Ceará, no dia 26 de outubro de 1946. Cresceu em meio a uma família de músicos e poetas. Em 1962, mudou-se para Fortaleza, onde estudou Ciências Humanas e iniciou Medicina, mas abandonou a faculdade no 4º ano. Em 1971, foi para o Rio de Janeiro, quando se uniu aos também cearenses, Fagner e Ednardo, abraçando de vez a carreira artística. Nos anos seguintes estourou nos festivais de Música Popular Brasileira. Entre 1974 e 1980, Belchior lançou discos memoráveis, como *Alucinação* (1976), *Coração Selvagem* (1977), *Todos os Sentidos* (1978), *Era uma Vez um Homem e Seu Tempo* (1979) e *Objeto Direto* (1980). Suas canções, obrigatórias em qualquer antologia da música brasileira, também fizeram sucesso na voz de Elis Regina (Como nossos pais), Jair Rodrigues (Galos, noites e quintais) e Vanuza (Paralelas). Entre outros sucessos de Belchior destacam-se: “Apenas um rapaz latino americano”, “Velha roupa colorida”, “Hora do almoço”, “Divina comédia humana”, “Medo de avião” e “Mucuripe”, feita em parceria com Fagner e também gravada por Elis Regina. Belchior lançava um disco por ano e se dedicava completamente à carreira. No final de 2006, o cantor parou de agendar shows e aos poucos foi se despojando de todos os bens materiais e obrigações afastando-se, assim, da vida pública. Em 2009, Belchior desapareceu. Tempo depois, foi encontrado no Uruguai. Depois, sumiu novamente. Junto com a produtora cultural, Edna Assunção, perambulou por várias cidades do Rio Grande do Sul. Há quatro anos vivia em Santa Cruz do Sul, em uma casa emprestada por um fã. Nos últimos anos, Belchior trabalhava em uma nova tradução da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, obra que muitas vezes serviu de inspiração

para suas músicas. Faleceu, de aneurisma na aorta, em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, no dia 30 de abril de 2017.

QUESTÕES DE HISTÓRIA DE SOBRAL

1. O texto a seguir refere-se à atividade pecuária (criação de gado) no Brasil colonial. O gado podia penetrar o sertão. Não tinha o problema seríssimo de transporte, porque transportava-se por si mesmo. A mão de obra exigida era pouca. Sem a complexidade da agricultura, principalmente da açucareira, tinha na amplitude do sertão o caminho de sua expansão, acompanhando os rios rumo ao interior.

Assinale a única alternativa que apresenta uma afirmação não contida no texto.

- a) A criação do gado era pouco exigente com respeito a mão de obra.
- b) A agricultura açucareira era atividade mais complexa do que a criação de gado.
- c) A pecuária tinha maior produtividade do que as atividades da agricultura.
- d) O sertão apresentou-se como o caminho adequado para a expansão da criação de gado.

2. A palavra “Caiçara”, em língua indígena, significa, segundo José de Alencar, “o que se faz de pau queimado” – de cal “queimado”, e a desinência -ara “que tem ou que faz”, anteposto o ç, por eufonia. Para Martius, é “pau de Jussara” – de caa, pau, e Jussara, palmeira ou “lugar silvestre que em certo tempo se queima” – de cal, queimado e ara, tempo, Paulino Nogueira pensa que a verdadeira origem do vocábulo é uma corruptela de caai-ça – “estacas de mato, estacada, trincheiras, tapume, cerca de pau” (vocabulário indígena).

Ver. Do Instituto do Ceará, vol. 1, p. 239. Aqui na região, Caiçara foi o nome de uma fazenda de propriedade de

- a) José Martiniano de Alencar.
- b) Capitão-mor Uchôa.
- c) Antônio Rodrigues Magalhães.
- d) Martim Soares Moreno.

3. As terras às margens do rio Acaraú eram habitadas por diversas etnias indígenas, dentre elas os areriú, Jaibaras entre outras. Conforme registra Dom José em sua *História de Sobral*, os areriús habitavam uma e outra margem do rio Acaraú e eram bravos e indóceis, pertenciam à raça dos Tapuias. Embora tenha a presença destas tribos indígenas, sua origem remonta aos portugueses, que fugiam das guerras holandesas. Após a doação de uma sesmaria ao casal Antônio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, foi fundada uma fazenda que se chamava

- a) Fazenda Mutuca.
- b) Fazenda dos Macacos.
- c) Fazenda Caiçara.
- d) Fazenda Feliz.

4. A cidade foi fundada por famílias que fugiam da guerra contra os holandeses no século XVII e ao redor da Fazenda Caiçara, surgida em 1726, fundada por Antônio Rodrigues Magalhães. Uma fazenda que convergia com as rotas das boiadas na época da carne de charque. Nas terras da Fazenda Caiçara foi em 1756 edificada a Matriz da Caiçara, e ao redor desta, aglutinou-se um povoado. Depois foi construída a Igreja do Rosário e do Bom Parto, e ao redor destas, surgiram moradias. Destas iniciativas, surgiu a povoação chamada Caiçara, que foi elevada à categoria de vila em 1773 com a denominação de

- a) Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú.
- b) Sobral.
- c) Vila de Sobral.
- d) Vila Distinta e Real de Sobral.

5. O senador José Martiniano de Alencar, presidente do Ceará, chegou em Sobral no 1º de dezembro de 1840, hospedando-se no palacete do seu amigo senador Francisco de Paula Pessoa, que depois foi o Palácio Episcopal e hoje é o Colégio Sant'Ana. Viera com alguma força para induzir o tenente-coronel Francisco Xavier Torres a entregar o comando da Força pública, o que até então não tinha querido fazer, a fim de evitar uma revolta, que se receava, das tropas enviadas para combater os balaíos. O nome desta revolta em Sobral era:

- a) Sedição do Acaraú.
- b) Rebelião dos Sobralenses.

- c) Revolta dos Sobralenses.
- d) Sedição de Sobral.

6. A Sedição em Sobral começou na noite de 11 de dezembro, sendo o palacete do senador Paula alvejado pelas Forças ao comando do tenente-coronel Francisco Xavier Torres, empenhando-se um combate nas ruas da cidade, em que foram mortos seis soldados e feridos treze. Após esta revolta, Sobral foi elevada ao patamar de cidade com o nome de

- a) Sobral.
- b) Vila Distinta e Real de Sobral.
- c) Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú.
- d) Vila Distinta e Januária do Acaraú.

7. Homem culto, filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria, formou-se em Direito, tendo ocupado cargos na magistratura e na Câmara dos Deputados. Decepcionado, abandonou a vida civil para seguir o catolicismo. Aos 47 anos, iniciou uma obra missionária, percorrendo a região Nordeste em missões evangelizadoras, erguendo inúmeras casas de caridade, igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas d'água, açudes.

O texto trata da figura de

- a) Padre Cícero.
- b) Dom José.
- c) Domingos Olímpio.
- d) Padre Ibiapina.

8. Foi um dos centros abolicionistas do Ceará desde 1871. Em agosto de 1881 havia no Ceará 24.193 escravos, dos quais Sobral tinha 1.984. Quando foi proclamada a libertação dos escravos em 1888, a cidade já não tinha nenhuma pessoa escravizada desde 2 de janeiro de 1884, tendo sido a 23ª cidade do Ceará a aderir ao movimento abolicionista. Os escravos em Sobral trabalhavam geralmente como

- a) vaqueiros.
- b) coletores de algodão.
- c) domésticos.
- d) caldeiros.

9. Dom José Tupinambá da Frota nasceu em Sobral, em 10 de setembro de 1882, morrendo nesta mesma cidade em 21 de setembro de 1959, sendo sepultado na Catedral de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara, a Sé de Sobral, na capela do Santíssimo Sacramento. São obras de Dom José, exceto:

- a) Santa Casa de Misericórdia de Sobral
- b) Museu Diocesano
- c) Banco de Crédito Popular
- d) Teatro São João

10. A expedição britânica do eclipse solar, liderada por Arthur Stanley Eddington se deslocou para os dois lugares a fim de comprovar (graças ao eclipse solar de 29 de maio de 1919) a distorção que a luz sofre ao chegar no planeta Terra. Com tal confirmação, Albert Einstein pôde comprovar sua Teoria da Relatividade. Os dois lugares foram

- a) Ilha da Madeira e Sobral.
- b) Sobral e EUA.
- c) Ilha do Príncipe e Sobral.

11. Em relação a história de Sobral é incorreto afirmar que:

- a) Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral, fundou várias escolas na cidade como os colégios Sant'ana, para mulheres, Colégio Sobralense, para os rapazes, o Patronato, e ainda, o Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota.
- b) O Teatro São João, a Cadeia Pública Municipal e a Estrada de Ferro de Sobral-Camocim, foram obras que, de certa forma, ajudaram a dar empregos e condições de sobrevivência a milhares de refugiados da seca.
- c) O Arco do Triunfo de Sobral, foi construído por iniciativa de Dom José, em 1953, como marco da visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima a Sobral. O Arco foi projetado por Falb Rangel e executado por Francisco Frutuoso do Vale.
- d) A matriz é uma das igrejas mais antigas do Ceará; tem mais de 200 anos. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi uma capela fundada em um dos primeiros povoamentos no lugar, que se transformaria na cidade de Sobral.

12. O senador José Martiniano de Alencar, presidente do Ceará, chegou em Sobral no dia 1º de dezembro de 1840. Viera com alguma força para

induzir o tenente-coronel Francisco Xavier Torres a entregar o comando da Força pública, a fim de evitar uma já esperada revolta das tropas enviadas para combater os balaíos no Maranhão. Os revoltosos, com a participação do coronel Joaquim Ribeiro, queriam a deposição do senador Alencar. A revolta em Sobral começou na noite do dia 11 de dezembro, sendo o palacete do senador Paula, onde o presidente do Ceará estava hospedado, alvejado pela força do cel. Francisco Xavier Torres. O combate nas ruas da cidade, em que foram mortos seis soldados e feridos treze, durou a noite inteira. As tropas do presidente Alencar saíram vitoriosas.

História de Sobral – Dom José T. da Frota.

Essa revolta se chamou

- a) Balaiada.
- b) Contestado.
- c) Sedição de Sobral.
- d) Sedição Cearense.

13. A cidade de Sobral, localizada no noroeste do Ceará, no Vale do rio Acaraú, ao pé da Serra da Meruoca, originou-se do povoado que se formou em meados do século XVIII, em terras da Fazenda Caiçara.

Leia com atenção as alternativas, que tratam sobre a história de Sobral.

I. Caiçara, Vila Distinta e Real de Sobral, Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú e simplesmente Sobral são quatro topônimos que, por si só, revelam e resumem os principais marcos, que dividem e assinalam a evolução política e social da história de Sobral;

II. A Diocese de Sobral foi criada pelo Papa Bento XV, em 1915, que nomeou Dom José Tupinambá da Frota como seu primeiro bispo em 1916;

III. Com base nos fatos e medidas tiradas em Sobral durante o eclipse total do Sol, no dia 29 de maio de 1919, foi comprovada a Teoria da Relatividade de Albert Einstein;

IV. Toda a cidade de Sobral é considerada Patrimônio Universal da Humanidade.

Estão corretas:

- a) Somente as afirmativas II, III e IV.
- b) Somente as afirmativas I, II e III.
- c) Somente as afirmativas I, II e IV.

d) Todas as afirmativas.

14. Sobral comemorou, em 10 de novembro de 2005, com a presença do núncio apostólico, Dom Lourenzo Baldesseri, 90 anos de criação da Diocese de Sobral. A respeito da história de Sobral, podemos afirmar corretamente:

- I. A Diocese de Sobral foi criada pelo Papa Bento XV, em 1915, um ano antes da sagração de Dom José Tupinambá da Frota, seu primeiro bispo;
- II. A Fazenda Caiçara foi escolhida pelo Padre Lino Gomes Correia para ser a sede do Curato do Acaraú em 1742, dando início ao processo da implantação do povoado;
- III. Segundo Dom José Tupinambá da Frota, as casas da povoação de Sobral surgiram, num primeiro momento, ao redor da Matriz, e mais tarde, em torno da capela do Rosário;
- IV. A cultura do algodão foi a principal atividade econômica de Sobral no século XVII.

Estão corretos:

- a) Somente os itens I e II.
- b) Somente os itens II e IV.
- c) Todos os itens.
- d) Somente os itens I, II e III.

15. Sobral nasceu às margens do rio Acaraú no noroeste do Ceará, em pleno sertão. Mesmo com suas carências, conseguiu crescer, tornando-se importante no estado e incontestável polo de desenvolvimento da região centronorte, sendo referência na vida política, econômica e cultural do Ceará.

Leia atentamente as considerações sobre Sobral.

- I. Foi da Fazenda Caiçara que nasceu o povoamento que deu origem à Vila Distinta e Real de Sobral (1773). O *status* de cidade veio em 1841, com o nome de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú e, posteriormente, Sobral (1842);
- II. A Fazenda Caiçara foi implantada em terras concedidas em sesmarias ao português Antônio da Costa Peixoto, vereador de Aquiraz em 1702. Posteriormente, as terras passaram em heranças a seus filhos, sendo a

parte herdada por Apolônia, casada com Antônio Marques Leitão, correspondente ao perímetro da cidade de Sobral. Deste casal, a propriedade passou para a filha Quitéria Marques de Jesus, como dote de seu casamento com Antônio Rodrigues Magalhães, o fundador da Fazenda Caiçara;

III. Desde o início da ocupação do Vale do Acaraú, os primeiros povoadores e seus descendentes mantiveram estreita ligação, sobretudo de natureza econômica, com o Maranhão, o Piauí, a Bahia e, principalmente, Pernambuco;

IV. Sobral, com a vantagem de localizar-se no entroncamento dos caminhos das boiadas, foi se destacando no interior do Ceará, por meio da criação de gados, da comercialização de carnes, couramas, charques e outros produtos, existindo, no século XVIII, um intenso trânsito entre a Vila de Sobral e o Porto do Acaraú;

V. O couro e o algodão tornaram-se dois produtos fundamentais na economia sobralense no século XIX. Além do comércio e das atividades agropastoris, Sobral passou a se dedicar, durante o século XX, à atividade industrial.

Está (ão) correto(s):

- a) Somente os itens II e V.
- b) Somente o item I.
- c) Somente os itens II e IV.
- d) Todos os itens.

GABARITO

- 1C**
- 2C**
- 3C**
- 4D**
- 5D**
- 6C**
- 7D**
- 8C**
- 9D**
- 10C**
- 11A**
- 12C**
- 13B**
- 14D**
- 15D**



Entre para o ROTA NEWS! 📢

Aponte a câmera para o QR Code e receba direto no seu celular as melhores notícias de concursos, aulas gratuitas e materiais exclusivos para acelerar sua aprovação.